



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ELIONETE RODRIGUES BARBOSA

O FEMINISMO E O FEMININO EM *UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO,*
DE ANGÉLICA FREITAS

FORTALEZA

2021

ELIONETE RODRIGUES BARBOSA

O FEMINISMO E O FEMININO EM *UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO*, DE
ANGÉLICA FREITAS

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Augusto Fernandes.

FORTALEZA

2021

ELIONETE RODRIGUES BARBOSA

O FEMINISMO E O FEMININO EM *UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO*, DE
ANGÉLICA FREITAS

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovada em: 30/07/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Geraldo Augusto Fernandes (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Ana Rita Fonteles Duarte
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Júlio Cezar Bastoni da Silva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico este trabalho, primeiramente, ao meu esposo Emanuel Régis, por toda motivação necessária à sua realização; aos meus filhos Fernanda, Isabel e Marquinhos; aos meus pais Raimundo Nonato (*in memoriam*) e Maria Rodrigues; e ao meu querido amigo Ricelli Jader (*in memoriam*), por suas palavras gentis e seu sorriso acolhedor.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador Dr. Geraldo Augusto Fernandes, pela orientação e amizade durante essa pesquisa;

Ao professor Dr. José Leite de Oliveira Júnior, pelas contribuições dadas a minha pesquisa;

A todos os professores, que, durante o curso, contribuíram de alguma forma com minha pesquisa e formação acadêmica.

Aos funcionários da secretaria do PPGLetras, por terem sido tão gentis e disponíveis sempre que precisei.

Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone – taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhando na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas
(era comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz...
(Samba-canção, Ana Cristina Cesar).

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar as representações do feminino na obra *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), de Angélica Freitas, através de uma pesquisa analítico-descritiva que tem entre seus objetivos identificar, nos planos do conteúdo e da forma, as permanências e rupturas do feminino e a problematização da cultura patriarcal no referido livro. Diante do exposto, na busca pelo direito de igualdade entre os gêneros e suas identidades, vale destacar movimentos e linguagens que lutam em suas diferentes formas, inclusive a literatura. Para tanto, como aparato teórico que embasa as análises aqui apresentadas, sobre as temáticas do feminino e feminismo, contou-se com as contribuições de Simone de Beauvoir (2016); Betty Friedan (1971); Judith Butler (2006) e Naomi Wolf (2019), entre outras. Os estudos realizados pelas autoras citadas nortearam o entendimento sobre as representações do pensamento feminista e sua trajetória na literatura, a qual deu forma ao feminino contido nos poemas escolhidos para este estudo. Desse modo foi possível identificar o quanto os mitos que circundam essa representação encontram-se presentes e bastante coerentes com as discussões teóricas apresentadas pelas referidas teóricas. Angélica, de forma singular, descreve em seus versos esse universo feminino, com destaque no corpo da mulher e todas as problemáticas advindas dele. Através da representação do corpo (útero), a poeta desenvolve em seus poemas a temática das *identidades* utilizando recursos como a ironia, o humor e a obscenidade. Através de elementos cotidianos e clichês, busca provocar no leitor reflexões acerca de paradigmas impostos ao universo feminino ainda no mundo contemporâneo, evidenciando como a visão sobre a mulher guarda traços de uma herança da tradição que continua a reforçar o lugar de inferioridade desta na sociedade.

Palavras-chave: Angélica Freitas; feminismo; feminino; corpo; resistência.

ABSTRACT

This study intends to analyze the representations of the feminine in the work *Um útero é do tamanho de um punho* (2012), written by Angélica Freitas, through an analytical-descriptive research that has among its objectives to identify, in terms of content and form, the permanencies and ruptures of the feminine and the problematization of the patriarchal culture in the referred book. Given the above, in the search for the right to equality between genders and their identities, it is worth highlighting movements and languages that struggle in their different forms, including literature. For that, as a theoretical apparatus that supports the analyzes presented here, on the themes of the feminine and feminism, we counted on the contributions of Simone de Beauvoir (2016); Betty Friedan (1979); Judith Butler (2006) and Naomi Wolf (2019), among others. The studies carried out by the aforementioned authors guided the understanding of the representations of feminist thought and its trajectory in literature, which gave shape to the feminine contained in the poems chosen for this study. Thus, it was possible to identify how much the myths surrounding this representation are present and quite coherent with the theoretical discussions presented by the referred theorists. Angelica, in a unique way, describes in her verses this feminine universe, with emphasis on the woman's body and all the problems arising from it. Through the representation of the body (uterus), the poet develops in her poems the theme of identities using resources such as irony, humor and the obscene. Through everyday elements and clichés, it seeks to provoke in the reader reflections on paradigms imposed on the female universe even in the contemporary world, showing how the vision of women retains traces of a heritage of tradition that continues to reinforce her inferior place in society.

Keywords: Angélica Freitas; feminism; feminine; body; resistance.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OS CONCEITOS DE MULHER E DO FEMININO E SUA TRAJETÓRIA NO PENSAMENTO FEMINISTA	15
2.1	Feminismo e Feminino: uma história a ser contada	15
2.2	Mulher e feminilidade, em Beauvoir	17
2.2.1	<i>Feminismo em Beauvoir: o caminho para uma libertação moral</i>	19
2.3	A feminilidade, em Betty Friedan, e o problema sem nome	23
2.3.1	<i>Feminismo em Friedan: pelo direito de evoluir humanamente</i>	25
2.4	O Feminismo em Butler: pelo fim da identidade de gênero	27
2.5	A feminilidade e o Mito da Beleza em Naomi Wolf	30
3	FEMINISMO E LITERATURA NO BRASIL: DAS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES AO LIVRO <i>UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO</i> , DE ANGÉLICA FREITAS	33
3.1	Mulheres e as forças armadas: o feminismo brasileiro em Teles	38
3.1.1	<i>Feminismo Universitário: lendo e debatendo sobre mulher</i>	41
3.2	Literatura de mulheres: das pioneiras a Angélica Freitas	43
3.2.1	<i>A poesia feminino-feminista de Ana Cristina Cesar</i>	48
3.2.2	<i>A poesia feminino-feminista de Angélica Freitas: onde tudo começou</i>	51
4.0	UM ÚTERO, UMA PALAVRA: O CORPO COMO FORÇA DA MULHER NA POESIA DE ANGÉLICA FREITAS	54
4.1	O útero e o punho: o discurso feminista no poema-título	54
4.2	Dicotomias de estereótipos como julgamento moral	58
4.3	O mito da beleza em “uma beleza insana”	67
4.4	Universo feminino: o que querem as mulheres	69
4.4.1	<i>Você é mulher: uma (des) construção da mística</i>	71
4.5	O útero que gerou palavras: vozes que ressoam	80
5	CONCLUSÃO	86
	REFERÊNCIAS	90

1 INTRODUÇÃO

A literatura, como se sabe, é registro de movimentos, revoluções e caos que acometem as relações homem-mundo. Essa representação artística foi, porém, por muito tempo, realizada geralmente por homens brancos, de classe média, ocasionando, dessa forma, uma exclusão das expressões artísticas produzidas por negros, mulheres e outras minorias marginalizadas. Isso fomentou a formação de um modelo literário excludente, estabelecido de acordo com determinada sociedade e sua cultura. Diante disso, na busca pelo direito de igualdade entre os gêneros e suas identidades, vale alinhar todos os movimentos e linguagens que lutam em suas diferentes formas, inclusive a literatura.

As mudanças no papel contemporâneo das mulheres e das relações de gênero pedem que seja analisada a produção literária desenvolvida no Brasil de forma atenta, para se refletir sobre as especificidades discursivas desse grupo social no contexto brasileiro moderno.

Este trabalho traz algumas contribuições literárias na propagação de um pensamento feminista no Brasil, tendo como destaque algumas pioneiras como Nísia Floresta (1810-1885), que publicou textos na imprensa e também livros, Maria Lacerda Moura (1887-1945), Francisca Senhorinha da Mota Diniz, que faleceu em 1910, e a jornalista Josefina Álvares de Azevedo (1851-1913), que atuou também na imprensa feminina, assim como Berta Lutz (1894-1976) que fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino.

São muitos os nomes de mulheres que atuaram nas lutas feministas em nosso país. Aqui, no entanto, se encontram apenas um esboço; no *corpus* desta pesquisa, serão destacados outros nomes, dentre eles, Heleieth Saffioti, que escreveu sua tese sobre como atua o capitalismo na opressão das mulheres em 1969, e uma mais contemporânea, Maria Amélia Teles, que, em 2017, relata como foi o feminismo na época do período ditatorial no Brasil. Em seguida optamos por um esboço de obras literárias partindo da publicação de Gilka Machado (1932), até a contemporaneidade com Angélica Freitas, e seu livro *Um útero é do tamanho de um punho*, (2012).

A poeta¹ aborda, com seus versos irreverentes, as permanências e rupturas,

¹ A gramática normativa registra a palavra poetisa para referir-se às escritoras do gênero poético, contudo podemos utilizar duas variações, poeta ou poetisa. Porém, o termo poetisa passou a ser contestado por ter sido atribuído a ele um significado pejorativo, cuja carga semântica denotava certa diminuição, inferiorização da literatura produzida pelas mulheres, que durante muito tempo permaneceram à margem de um padrão que

temáticas e formais, das transformações sociais e culturais vivenciadas pelas mulheres sobre questões de gênero. Seu discurso feminista busca romper com as práticas normativas reguladoras da condição da mulher em nossa sociedade. Desse modo, tendo como princípio norteador a pesquisa realizada sobre a produção literária feminina no Brasil e sua contribuição na luta feminista no país, é que este trabalho tem como hipótese de que Angélica Freitas atua como um ponto de inflexão nas produções poéticas da atualidade e, portanto, na propagação do pensamento feminista em nosso país.

Partimos do pressuposto de que, na obra de Angélica, o feminino – entendido aqui como as configurações discursivas que estruturam a representação da mulher – apresenta-se como uma série de discursos de insubmissão que se distinguem na construção, em termos de conteúdo e expressão de suas falas. Sua produção se insere na contemporaneidade através da temática das identidades utilizando recursos como a ironia, o humor e a obscenidade. Desse modo, utilizando o fazer poético e valendo-se como pontos de partida de elementos cotidianos e clichês, a poeta provoca no leitor reflexões acerca dos paradigmas impostos ao universo feminino.

Na atualidade, mulheres negras, operárias, transexuais/transgêneros e lésbicas começaram a questionar uma identidade “mulher”, construída como universal. Porém, para que essa mudança se torne algo real nos dias de hoje, um dos instrumentos necessários é a literatura escrita por mulheres. Corroborando com essa afirmação, Coelho (2003) defende que a literatura é como um feixe de relações, que não nasce da pura fantasia de suas autoras ou autores, mas que germina de uma complexa interação entre o espírito criador do artista, o tempo em que ele vive e o húmus cultural herdado. Desse modo, tomando as palavras da estudiosa, destacamos que, em um país que é recordista no assassinato de mulheres, é extremamente bem-vinda qualquer iniciativa – sobretudo no campo intelectual e acadêmico – que permita refletir e problematizar sobre a distância entre os gêneros.

Ressalte-se que para que a mulher conseguisse alguma representatividade foi preciso que a crítica feminista levantasse questionamentos quanto à organização sexual, social, política, econômica e cultural, o que levou o cânone literário a ser alvo de julgamento e análise. Nesse contexto, Antônio Candido, no livro *Literatura e Sociedade* (1965), discute

priorizava o ponto de vista masculino em qualquer tipo de produção intelectual. Sendo assim, muito antes das questões evidenciadas pelas teorias feministas de gênero ganharem espaço, algumas escritoras apropriaram-se do termo poeta para intitular-se, compartilhando com os homens a designação desse ofício. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/gramatica/poeta-ou-poetisa.htm>. Acesso 2m 12 de maio de 2020.

sobre o vínculo entre a obra e o ambiente. O autor mostra que o valor e o significado de uma obra estavam relacionados à condição de mimese, ou seja, de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Desse modo, entende-se que um texto literário, por ser uma construção simbólica, pode veicular preconceitos e estabelecer discriminação ou ser um elemento de emancipação. Logo, esta pode ser também um elemento de afirmação da validade da experiência do feminino, na medida em que propõe uma (re)avaliação do discurso por meio de estratégias que possibilitem tanto a desconstrução do preconceito quanto a construção do sujeito.

Destaca-se que desenvolver uma consciência feminista possibilita uma visão diferenciada e ampliada da condição da mulher diferente do que dizem os mitos em torno da história, da ciência, da cultura e da religião sobre ela. É perceber como o machismo está alicerçado nesses discursos e em pequenas ações do cotidiano, assim como os mecanismos utilizados pela sociedade para manter sob seu poder o público feminino. Daí a importância do feminismo para o fim de práticas opressoras que tenham como princípio a desigualdade baseada nas diferenças de gênero.

Como esclarece Garcia (2011), na separação dessas ações que propagam a opressão das mulheres, o feminismo desenvolveu quatro conceitos-chave: o androcentrismo (o homem como detentor do poder), o patriarcado (as estruturas de organização política, econômica, religiosa e social, baseadas na ideia de autoridade e liderança do homem), o sexismo (ideologia que defende a subordinação das mulheres e todos os métodos utilizados para que essa desigualdade se perpetue) e o gênero (conceito construído pelas ciências sociais nas últimas décadas para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina).

Diante dos conceitos de cada categoria, este trabalho utilizará como metodologia as categorias de análise feminista do machismo, do sexismo e do gênero nas análises dos poemas de Angélica Feitas, na referida obra *Um útero é do tamanho de um punho*, tendo como base teórica, em primeiro plano, as contribuições de Simone de Beauvoir, em sua obra *O segundo sexo* (1949), que faz uma análise profunda da mulher, tratando de questões relativas à biologia, à psicanálise, ao materialismo histórico, à história, à educação, para o desvendamento das desigualdades de gênero.

Na corrente teórica do pensamento feminista sobre a condição da mulher, trataremos também a escritora Betty Friedan e sua obra *Mística Feminina* (1971), a qual aborda

a frustração constante e indefinida das mulheres modernas em suas casas, frente ao sentimento de vazio pela não realização profissional. Contaremos ainda com os estudos de Judith Butler e seu livro *Problema de gênero* (2019), os quais abordam as articulações da passagem da identidade na configuração de definição de gênero. Como destaca Garcia (2011, p. 15), “o conceito de gênero é a categoria central do feminismo, pois parte da ideia de que o feminino e o masculino não são fatos naturais ou biológicos, mas sim, construções culturais”. Portanto, entender as questões de gênero, é perceber todas as práticas normativas que são impostas às mulheres das quais exigem certo tipo de capacidade, obrigações, comportamentos e pensamentos exigidos a elas em função do seu sexo/gênero. E na abordagem sobre as questões estereotipadas da estética feminina, traremos os estudos sobre a mística da beleza, realizado por Naomi Wolf (2019), o qual aborda como a sociedade, sobretudo a mídia, manipula a mulher através da aparência e as consequências desses estereótipos para esse seguimento.

A escolha desse arcabouço de corrente feminista se deu porque acreditamos que ele converge com o tipo de abordagem que adotaremos nesta pesquisa. Ainda utilizaremos outras contribuições teóricas de autoras que abordam sobre o feminino, as quais constarão nas referências. Elas foram substanciais para o desenvolvimento desta pesquisa, uma vez que nortearam o estudo desenvolvido sobre as mistificações do feminino em vários aspectos. Para tanto, este trabalho foi dividido em três partes: a primeira trará um breve panorama do feminismo global e suas principais representantes, seguido da conceituação sobre mulher e feminilidade, descrita pelas teóricas basilares, Beauvoir, Friedan, Butler e Wolf, destacando como os estudos sobre o feminino dessas autoras contribuíram para o desenvolvimento de um pensamento feminista de forma global.

Na segunda parte, traçamos um esboço do feminismo e da literatura no Brasil, desde as primeiras manifestações literárias de mulheres, até a publicação do livro *Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas. Neste esboço, são destacadas as principais publicações de escritoras brasileiras e suas contribuições no pensamento feminista brasileiro, da década de 1920 até 2012, ano de publicação de Freitas.

A terceira parte fará a análise de alguns poemas da referida autora estudada nesta pesquisa, na qual se destacará o útero como mecanismo de opressão, mas também de força da mulher, as dicotomias de estereótipos (limpa *versus* suja, ébria, gorda) utilizadas como recurso político-social na cultura, a violência em decorrência em não atender às práticas

normativas impostas à mulher e a construção normativa do ser mulher na sociedade falocentrista. Por fim, tendo como objetivo confirmar a hipótese apontada neste trabalho, traremos algumas poetisas da atualidade que desenvolvem suas produções a partir da temática e do estilo trazidos por Freitas. Elas adotam um discurso direto, denunciador que traz o corpo da mulher à superfície de suas produções de forma paradoxal ao que se viu antes, o corpo (útero) é a ferramenta de poder (punho) dessas mulheres poetisas, que com suas dicções diversificadas e dinâmicas compõem seus versos que saltam do papel para as ruas.

2 OS CONCEITOS DE MULHER E FEMINILIDADE E SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA E LITERÁRIA NO PENSAMENTO FEMINISTA

2.1 Feminismo e Feminino: uma história de luta a ser contada

No presente capítulo, procuramos estabelecer um panorama de reflexões centrais do movimento feminista ocidental norte-americano e europeu, considerando sua história, a partir de nomes representativos do pensamento feminista, a saber, Simone de Beauvoir, Betty Friedan, e Judith Butler. Essa tarefa se justifica pela busca em identificar temas fundamentais do debate feminista nas obras das autoras focalizadas em nosso estudo.

Assim, tendo em vista as reflexões em torno da ideia do feminino e o modo como a questão da mulher está cristalizada na cultura, utilizamos os estudos das referidas autoras que tratam desse desdobramento da feminilidade. Para tanto, neste capítulo, pretendemos apresentar algumas visões representacionais da mulher, destacando sua feminilidade construída dentro da cultura patriarcal capitalista e as lutas feministas que atuaram e atuam em favor da libertação da mulher.

Sobre este movimento de conscientização do coletivo feminino, vemos muitas pesquisas para descrevê-lo. No entanto, utilizaremos os estudos realizados por Clara Cristina Garcia no seu livro *Breve História do Feminismo*, publicado em 2011, que, dentro do esperado para esse trabalho, foi o que melhor descreveu esse panorama histórico mundial. Para tanto, iniciamos a explanação sobre o feminismo, tomando a definição de Garcia (2011, p. 9), que diz:

Feminismo pode ser entendido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim.

O feminismo, como movimento coerente, busca, através de reivindicações, um projeto político, que, de forma coletiva, traga a premissa de que todas as pessoas sejam tratadas com respeito e dignidade, que as leis, de fato, sejam cumpridas e que a sociedade respeite de forma igual as diferenças.

Em uma breve abordagem sobre a trajetória do feminismo mundial, partimos da primeira onda, ou feminismo moderno. Este teve como ponto de início a publicação da obra

De L'Égalité des Deux Sexes (1984) do filósofo Poulain de la Barre (primeiro teórico e o segundo prático na articulação do feminismo moderno) e o movimento de mulheres da Revolução Francesa, assim como a *Declaração dos Direitos das mulheres e das Cidadãs*, de Olympe de Gouges (1791), e a *Reivindicação dos Direitos das mulheres* de Mary Wollstonecraft (1793). Nesse primeiro momento, a luta das mulheres girou em torno de direitos civis e políticos, educação, trabalho, matrimônio e o voto, abolição do direito de maioridade, de testemunhar em processos civis. Já, a segunda onda foi marcada por direitos emancipatórios, igualitarismo entre os sexos e a emancipação jurídica da mulher. Sobre este movimento, de acordo com Garcia (2011, p. 77):

Foi a obra de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo* (1949), concretamente, que colocou as bases teóricas da segunda onda. Um trabalho de fôlego em dois volumes que constitui um dos textos clássicos do feminismo contemporâneo. Pode-se dizer que boa parte do feminismo, ou seja, a segunda metade do século XX foi marcada profundamente por essa obra. É o estudo mais completo sobre a condição feminina escrito até aquele momento.

Mesmo que Beauvoir não tenha escrito para evocar um público militante, seu livro, como diz Garcia (2012, p. 78): “é um trabalho explicativo, sem pausas, que não reivindica direitos, mas que explica e convence”. Por isso serve como base dos temas feministas de forma mundial até os dias atuais. Esta obra torna-se a base teórica do pensamento feminista da década de 1950 pelo grupo das feministas universitárias. Outra autora retratada como representante do pensamento feminista é Betty Friedan. Segundo Garcia (2011, p.78):

A opressão da mulher foi retratada com precisão pela norte-americana Betty Friedan. O problema das mulheres era o problema sem nome e o objeto da teoria e da prática feminista da terceira onda foi justamente o de nomeá-lo. Betty em sua também volumosa obra *A mística feminina* que identifica a mulher como mãe e esposa e com isso cerceia toda possibilidade de realização pessoal e culpabiliza todas aquelas que não são felizes vivendo somente para os demais. O livro não questionava o patriarcado, nem apresentava alternativas de vida no mundo todo, porém se tornou um dos clássicos do feminismo devido decifrar com lucidez o papel opressivo imposto às mulheres e o mal-estar feminino advindo disso, o que o tornou já não mais pessoal, mas coletivo.

Esse foi um momento em que surgiram as feministas mais radicais, e as discussões sobre as estruturas familiares e a sexualidade assumiram o *slogan* “o pessoal é político”. Isso será um passo importante na análise dessas relações, pois serão incluídas aí as questões de abuso e de violência sofridos pelas mulheres. Ressalte-se que a terceira onda já inicia a partir do final da década de 1970 até a década de 1990, quando emergem os

feminismos com discussões interseccionais² de raça, classe e gênero, as quais conhecerão profundas transformações e caminhos diferenciados de luta, mas todos com o mesmo objetivo em comum, a liberdade de qualquer tipo de opressão.

2.2 Mulher e feminilidade em Beauvoir

Com o advento do patriarcado, o homem reivindicou e ainda reivindica sua posteridade e superioridade, cabendo à mulher um papel secundário nessa trajetória. Se por um lado se reconhece a importância de sua função como procriadora, por outro essa função é vista de forma a diminuir sua capacidade de atuação na sociedade como ser produtivo.

Nesse contexto, ao abrir a reflexão sobre a formação da mulher como construção e não como determinismo biológico, Beauvoir denuncia uma ideologia dominante utilizada de forma contínua e pensada para manter a mulher em um lugar de inferioridade em relação ao homem, utilizando-se de seu corpo/útero como justificativa na manutenção da opressão de gênero enraizada na sociedade patriarcal. Corroborando com essa tese, a filósofa acrescenta que:

ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2016, p.11).

O “tornar-se mulher”, defendido por Beauvoir, traz um questionamento sobre gênero e põe em xeque uma tradição já enraizada na sociedade patriarcal, na qual a mulher³ é sinônimo de útero e ovários e que, portanto, tem como tarefa principal gerar vidas, cabendo a ela um lugar inferior ao homem na sociedade falocentrista.

Compreendemos, portanto, que para manter essa hierarquia de poder e opressão, na qual o homem se acha superior, há certa necessidade de estabelecer condutas que busquem mistificar o feminino como mecanismo de manipulação. Logo, para que esse projeto opressor

² O termo interseccionalidade nos permite compreender melhor as desigualdades e a sobreposição de opressões e discriminações existentes em nossa sociedade. Pode ser considerado como uma ferramenta analítica importante para pensarmos sobre as relações sociais de raça, sexo e classe, e os desafios para a adoção de políticas públicas eficazes. Disponível em: <https://www.politize.com.br/interseccionalidade-o-que-e/>. Acesso em 12/06/2021.

³ Do latim *muliere*, a forma remonta ao proto-italico **moljes*, de origem incerta, para o qual se têm duas hipóteses: 1) o termo deriva de *mollior*, forma comparativa de *mollis* (“mole”, “tenro”; *mollior* = “mais mole”, “mais tenro”); 2) o termo está relacionado a *mulgere* (“aleitar”) e, portanto, significa “que dá leite” [comparem-se as raízes *mulg-* e *milk* (“leite” em inglês)]. Disponível em: www.en.m.wiktionary.org. Acesso em 9/04/2020.

se concretize através da feminilidade, a solução encontrada no meio social foi a de colocar a mulher numa posição submissa e marginalizada, isso desde a sua infância.

Essa atitude passiva e resignada surge desde muito cedo, através das estruturas patriarcais a que tem contato na infância, e que vão ser muito difíceis de se livrar depois de adulta, pois a hierarquia dos sexos manifesta-se primeiramente na experiência familiar, na qual a criança vai compreendendo, pouco a pouco, que a autoridade do pai é a mais soberana e que a mãe tem como função manter essa forma de poder. Em grande parte, são as mulheres as responsáveis em manter a tradição da opressão feminina e desse “destino de mulher”, pois, na maioria dos núcleos familiares, elas foram e ainda são criadas/formadas para isso. Como nos diz Beauvoir (2016, p. 25):

uma das maldições que pesam sobre a mulher está em que, em sua infância, ela é abandonada nas mãos das mulheres. O menino também é, a princípio, educado pela mãe; mas ela respeita sua virilidade e ele lhe escapa desde logo; ao passo que ela almeja integrar a filha ao mundo feminino.

As mães têm esse modelo de feminilidade internalizado pois foram criadas por outras mulheres que também o tinham. E, para elas, as filhas devem se moldar a essa tradição. Como ressalta Beauvoir (2016, p. 26): “até uma mãe generosa, que deseja sinceramente o bem da criança, pensará em geral que é mais prudente fazer dela uma ‘mulher de verdade’, assim a sociedade a acolherá mais facilmente”. Essa aceitação como requisito de sucesso, em vista de cumprir com o que se espera da mulher, torna-se uma preocupação muito grande da genitora com a filha que, muito precocemente, vai entrando nesse jogo de poder e começa a compreender o que deve fazer para agradar. Sobre os mecanismos utilizados como forma de atender aos aspectos femininos utilizados pelas meninas, Beauvoir (2016, p. 23) ressalta que:

através de cumprimentos ou censuras, de imagens e palavras, ela descobre o sentido das palavras “bonita” e “feia”; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser “bonita como imagem”. Esse narcisismo aparece tão precocemente na menina, desempenhando em sua vida de mulher um papel tão primordial, que pode ser considerado como emancipação de um misterioso instinto feminino.

Desse modo, a tradição segue até os dias atuais, e esse construto de feminilidade vai adentrando gerações, claro que com intensidade diferente tendo em vista a época em que Beauvoir descreve a situação da mulher. No entanto, o desejo de perpetuação de uma mística em torno da mulher ainda acontece e está representada na figura do marido, dos filhos e na idealização de um lar perfeito. Isso não se dá de forma passiva e aleatória, é preciso um

grande empenho por parte da sociedade para que essa estrutura permaneça e se solidifique, pois, como afirma Beauvoir (1975): “o conjunto dos homens ensina ao conjunto de mulheres a se portar como dependentes, passivas, submissas, apagadas”. Assim, através de uma sociedade patriarcal capitalista na qual há muita persuasão em manter a mulher dependente economicamente de um marido, namorado, pai, ou seja, de um homem próximo que lhe direcione uma solução financeira, vai se perpetuando uma cultura machista na qual o fato de uma mulher ficar em casa, não ter uma profissão e não se bastar financeiramente é tido como normal e natural para ela.

2.2.1 Feminismo em Beauvoir: o caminho para uma libertação moral

Simone de Beauvoir, mesmo não tendo escrito um livro que tratasse especificamente sobre o feminismo, ao escrever *O segundo sexo*, teve como tema central as relações de desigualdade sexuais entre homens e mulheres, o trabalho não reconhecido e a exclusão destas nos espaços de poder, por isso a obra é reconhecida como um clássico desencadeador da segunda onda feminista (década de 1960).

A autora deixou em seu legado como defensora dos direitos femininos uma obra atual e de grande importância para o desenvolvimento do feminismo mundial, ao situar a reflexão sobre o corpo feminino como tema central do feminismo, já que a mulher ainda se realiza no mundo como um corpo submetido a tabus e estereótipos que servem como desculpas para legitimar as mais evidentes discriminações sociais e aprisionamento no ambiente doméstico através da não assumida obrigatoriedade da maternidade. Em sua trajetória como militante, não se limitou apenas à escrita de livros, mas participou também de passeatas e grupos de mulheres que tratavam de pautas feministas. Em uma entrevista ao programa de Jean-Louis Servan-Schreiber, cujo tema era *Por que sou feminista* (1975, *online*), Beauvoir afirma que fazer parte de um movimento feminista que trate dos problemas de mulheres é de suma importância, é uma maneira de tornar público o que as mulheres sofrem e fazer com que elas conversem entre si, que falem de seus problemas de mulher, que dividam suas angústias (1975, *online*). Ela acrescenta que:

em vez de viver na injustiça e no ressentimento – pois as mulheres se ressentem do que sofrem e têm consciência disso –, na recriminação individual e estéril, é melhor que as mulheres falem de seus problemas entre elas e não na frente ou junto com os homens, e que tentem achar solução. (BEAUVOIR, 1975, *online*).

A filósofa ressalta que, se as mulheres se unissem de fato, elas poderiam tomar consciência de que “o que se dá às mulheres algumas vezes são mistificações⁴ que têm por objetivo desmobilizá-las dando a crer que fazem algo por elas quando, na verdade, não fazem nada” (BEAUVOIR, 1975, *online*). Ela está se referindo aos “supostos ganhos” nas esferas política, trabalhista e legal, pois a situação de aprisionamento e, segundo ela, de “escravidão do lar”, ainda permanece. Diante disso, ressalta a importância de lutas feministas que cheguem a todas as mulheres, pois “essa consciência seria profundamente útil e poderia mudar a sociedade em seu conjunto” (BEAUVOIR, 1975, *online*).

A conquista por direitos iguais para a mulher, de acordo com a autora, é uma maneira de recuperar a revolta da mulher e deve ser feita pelas mulheres. Ela afirma que “não se deve esperar de um governo que é pela ordem estabelecida, como a de hoje, que faça concessões a mulheres que reclamam uma mudança de seu *status* que acabaria com essa ordem” (BEAUVOIR, 1975, *online*). Reflexão bastante contundente e coerente ao analisar-se a história das mulheres, pois todos os ganhos que estas tiveram até os dias atuais se deu através das lutas femininas, com ressalva a questão do aborto, um assunto que chama a atenção em massa da sociedade. Ela afirma ainda que “o aborto foi um ótimo cavalo de batalha para iniciar uma luta contra todos os sistemas opressores, desde a justiça até a igreja” (BEAUVOIR, 1975, *online*). Daí ser um tema que merece todo o empreendimento em sua conquista para a libertação sexual da mulher. Como ressalta a autora:

mesmo consentindo no aborto, desejando-o, a mulher o sente como um sacrifício de sua feminilidade: é preciso que ela veja em seu sexo, definitivamente, uma maldição, uma espécie de enfermidade, um perigo. O controle de natalidade e o aborto legal permitiriam à mulher assumir livremente suas maternidades. (BEAUVOIR, 2016, p. 288-289).

Note-se que o aborto é um tema complexo, pois une e divide o núcleo feminino. E até mesmo muitas das que se decidem por fazer tal ato sofrem questionamentos internos que as afligem. Mesmo que as reflexões de Beauvoir sejam colocadas em décadas passadas, ainda hoje é um assunto delicado na sociedade. Ressalte-se a importância de se debater sobre o direito de decisão sobre ter filhos, pois o controle da natalidade permitiria à mulher decidir sobre seu corpo e seu futuro, tendo em vista que a maternidade é, em parte, uma vontade deliberada e em parte o acaso que decide a fecundidade feminina, pois não é necessário o desejo de gerar uma criança para que aconteça a gravidez; porém, muitas vezes as mulheres se

⁴ Ação ou efeito de enganar (alguém); fazer com que uma pessoa acredite numa mentira; farsa. Disponível em *Dicionário online de português* - <https://www.dicio.com.br/mistificacao/>. Acesso em 12 de março de 2020.

acham obrigadas a gerar contra a sua vontade. Elas sofrem em ter o filho que não planejaram e sofrem em interromper a gravidez indesejada, pois é muito difícil se libertar das cobranças impostas a ela, ou seja, de um jeito ou de outro, a maternidade ainda a aprisiona.

Além da temática do aborto, a autora aborda a questão do assédio que as mulheres sofrem. Ao falar sobre o tema, ela destaca que esta é mais uma luta solitária das mulheres e deve ser levada por elas, pois “o homem assimila em parte o problema das mulheres. Não é raro um homem não entender a experiência vivida por uma mulher porque eles não vivem isso” (BEAUVOIR, 1975, *online*). Ela refuta a afirmação de que “a rua é para todos”, para isso dá como exemplo:

uma mulher jovem – bonita ou feia, não tem importância – pode, dificilmente, passear tarde da noite sozinha. Só por caminhar, mesmo de dia, é problema, porque pode ser seguida, assediada e, muitas vezes, por essas situações constrangedoras, ela vai preferir voltar para casa. (BEAUVOIR, 1975, *online*).

A estudiosa relata que quando fala sobre essas situações constrangedoras, pelas quais as mulheres passam, aos homens, “eles riem, se surpreendem, e dizem que não é verdade, que nunca fizeram isso, que nunca foram grosseiros, que todos não são desse tipo” (BEAUVOIR, 1975, *online*). Ela ressalta que “nenhum se dá conta do quanto é ruim uma mulher se sentir sempre em perigo. Não um perigo brutal, mas que também pode ser, dependendo do caso, pois acontece de mulheres rejeitarem os homens e acabar levando uma bofetada, ou algo pior” (BEAUVOIR, 1975, *online*).

A liberdade sexual e emancipação da mulher, apesar de ser um ganho imensurável, trouxeram para ela aspectos negativos no tocante à segurança. Como nos diz Beauvoir (1975), os homens se aproveitam dessa liberdade para abusarem sexualmente das mulheres. Eles não aceitam o fato de elas não quererem fazer sexo com eles, ou seja, entendem que liberdade sexual é se relacionarem com todo mundo, quando é justamente o contrário, é o direito de escolha. É serem donas de seu próprio corpo. Hoje, o número de estupros é muito maior, segundo o 13^a Anuário Brasileiro de Segurança Pública, divulgado em setembro de 2020, registrou recorde da violência sexual. De acordo com a pesquisa:

foram 66 mil vítimas de estupro no Brasil em 2018, maior índice desde que o estudo começou a ser feito em 2007. A maioria das vítimas (53,8%) foram meninas de até 13 anos. Conforme a estatística, apurada em microdados das secretarias de Segurança Pública de todos os estados e do Distrito Federal, quatro meninas até essa idade são estupradas por hora no país. Ocorrem em média 180 estupros por dia no Brasil, 4,1% acima do verificado em 2017 pelo anuário. (Anuário de Segurança Pública, 09/03/2020. Disponível em

<http://crianca.mppr.mp.br/2020/03/233/ESTATISTICAS-Estupro-bate-recorde-e-maioria-das-vitimas-sao-meninas-de-ate-13-anos.html>. Acessado em 28/05/2021).

Ressalte-se que, na maioria dos casos, o agressor é próximo da vítima, muitas vezes é da família, como pai ou padrasto, o que suscita outras reflexões sobre a segurança das mulheres que deve ser encabeçada pelas feministas.

Outra reflexão bastante significativa que a autora também destaca sobre a pauta feminista é “a liberdade da escravidão doméstica” e afirma que para se livrar dela, “o essencial é a independência econômica” (BEAUVOIR, 1975, *online*), que se dará com o trabalho fora de casa, mesmo que isso custe um preço caro, pois, como nos diz a filósofa, “junto será imposto o cuidado do lar”, ou seja, a segunda jornada de trabalho. Mesmo assim, vale pagar o tributo, pois é a primeira condição para uma independência interior, como ressalta Beauvoir (1975, *online*), uma independência “moral e mental”. De acordo com ela,

sem isso, serão obrigadas a pensar no modo como vivem ou a pensar como o marido, a se submeter às vontades e caprichos dele. E pior, muitas terão de ficar com um marido de que não gostam mais, uma situação, francamente, não digna, como a prostituição. (BEAUVOIR, 1975, *online*).

Para libertar-se de todas essas amarras domésticas, é preciso que as mulheres tenham condições materiais, o que só conseguiriam através de um trabalho digno e remunerado que permita a elas sobreviverem. Só pensando em uma liberdade financeira elas podem almejar igualdade e dignidade nas relações com seus pares, pois “viver com um homem simplesmente pelo dinheiro, porque não pode ganhar a vida com seu trabalho próprio, tira o valor da dignidade humana” (BEAUVOIR, 1975, *online*). Diante disso, ter o direito ao trabalho remunerado deve ser um dos temas mais importantes para o feminismo, além da recusa do trabalho doméstico como ele é feito hoje, e das tarefas da maternidade, pois, de tal forma como se mantém, há décadas, faz da mulher uma escrava doméstica e da sociedade.

Apesar de essa ser uma reflexão antiga, com alguns êxitos ao longo dos anos, sem dúvida, ainda é complexa para as mulheres pobres. Sabemos que, em sua maioria, não têm uma formação educacional que lhes oportunize empregos bem-remunerados e, quando conseguem, é como doméstica ou outros serviços nos quais também ganham pouco. Além disso, os encargos da maternidade, que a lei não ampara, dificultam muito a saída delas de casa, pois não têm com quem deixar as crianças, ficando dependente da ajuda de parentes ou vizinhos. A falta de creches ainda é um empecilho e o controle de natalidade cada vez mais

precário, já que muitas adolescentes engravidam precocemente, o que ocasiona abandono dos estudos e aborto clandestino. Portanto, a autora está correta quando diz que a saída dessa condição de opressão passa pela independência econômica; porém como conseguir essa independência ainda é outra questão que deve ser pauta de lutas do movimento feminista.

2.3 A feminilidade em Betty Friedan e o problema sem nome

Betty Friedan, formada em psicologia, casada e mãe, tomando como base a insatisfação e angústia sentidas por ela, sem nenhuma causa aparente, realizou uma pesquisa com algumas mulheres para averiguar a causa desse “problema sem nome”⁵, que afligia a ela e também a essas mulheres, como constatou ao longo de sua pesquisa. Através dessas entrevistas, a autora chegou à conclusão de que existia um fator coletivo responsável pelo sentimento universal de incompletude e de frustração feminina que se apresentava com frequência, porém era desconhecido pelas mulheres, que achavam que somente elas sentiam isso, e ignorado pela sociedade. De acordo com Friedan (1971, p. 17):

o problema permaneceu mergulhado, intacto, durante vários anos, na mente da mulher americana. Era uma insatisfação, uma estranha agitação, um anseio de que ela começou a padecer em meados do século XX, nos Estados Unidos. Cada dona de casa lutava sozinha com ele. Enquanto arrumava camas, fazia as compras, escolhia tecido para forrar sofá, comia com os filhos [...] e deitava-se ao lado marido, à noite, temendo fazer a pergunta a si mesma: É só isso?

Note-se que a raiz do problema estava fundamentalmente nos modelos de feminilidade impostos historicamente às mulheres em suas funções estabelecidas na maternidade e nos afazeres domésticos.

Através de seu estudo, Friedan pôde constatar que as mulheres eram frustradas porque suas capacidades e potenciais eram tolhidos por uma norma abstrata que ditava que elas deveriam ficar em casa dedicando-se ao casamento, ao lar e aos filhos, e não desenvolvendo todo o seu potencial fora do lar. Sobre a função da mulher na sociedade, destaca a autora: “todos afirmavam que seu papel era procurar realizar-se como esposa e mãe. A voz da tradição e da sofisticação freudiana dizia que não podia desejar melhor destino do que viver a sua feminilidade” (FRIEDAN, 1971, p. 17).

⁵ Termo escolhido por Friedan para conceituar a imposição de atribuições à mulher para consagrar sua feminilidade.

Aqui se percebe uma crítica à teoria de Freud sobre a feminilidade como um resultado positivo na sexualidade da mulher e que só lhe traria benefícios. Corroborando com a tese defendida pela estudiosa, o que se viu desse “melhor destino” foram vários casos de esquizofrenia, depressão, suicídio e dores psicossomáticas que tinham como causa principal a prisão que os papéis tradicionais impostos por uma sociedade patriarcal capitalista infligia às mulheres.

No entanto, na contramão de todos esses problemas que afligiam as mulheres, a preocupação de alguns especialistas estava voltada em ensinar às jovens como conseguir um marido e como conservá-lo; a amamentar os filhos e orientá-los; a fazer pão e preparar receitas requintadas; a vestir-se de forma a agradar ao marido; a agir de modo mais feminino e a tornar seu casamento uma aventura emocionante. Eram essas as preocupações que as revistas e a mídia divulgavam, amplamente, para as mulheres.

Tudo isso era ensinado à mulher, menos como não adoecer com todas essas tarefas sem sentido concreto para elas. Não se ouvia nada sobre o estado de saúde delas, muito menos o porquê desse estado, classificado por muitas de “problema sem nome”, pois nem mesmo as mulheres que sofriam dele o conseguiam definir. Para Friedan, a cura “desse mal” sofrido por tantas mulheres se apresentava na negação absoluta de qualquer papel, tradicionalmente, imposto a elas, mesmo aquele biologicamente patente e natural: a maternidade. E no lugar disso, a mulher deveria assumir uma vida fora de casa, lado a lado e em pé de igualdade com os homens.

Mas, como dito anteriormente, é difícil fugir de uma cultura dominante; as mistificações do feminino estão a serviço disso. É o mecanismo utilizado para a construção da mulher na sociedade, pois como destaca Friedan (1971, p. 54-55): “quando uma mística é vigorosa extrai dos fatos sua própria ficção, alimenta-se dos que poderiam contradizê-la e alastra-se por todos os recantos de uma cultura, confundindo até os sociólogos”⁶.

Diante de um discurso tão categórico, firme e que ecoa durante décadas, nada mais comum que mulheres, ainda hoje, coloquem como profissão: dona de casa. Esse fenômeno atua como perpetuação de uma tradição excludente que tem como propósito manter a mulher confinada ao ambiente doméstico e distante da esfera social e política da sociedade.

⁶ Nesse contexto, temos na atualidade discursos conservadores como os da Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damarens Alves, que critica o feminismo e é contra qualquer pauta sobre gênero ou aborto, o que nos mostra um grande retrocesso de temas tão necessários para a emancipação da mulher em nossa sociedade.

2.3.1 Feminismo em Friedan: pelo direito de evoluir humanamente

Foi a necessidade de uma nova personalidade, de evoluir como ser humano, que conduziu as feministas a abrirem trilhas inéditas para a conquista de lutas femininas; a lutar por direitos mínimos, mas que eram negados às mulheres. Como ressalta Friedan (1971, p. 71-72):

as feministas foram pioneiras na própria vanguarda da evolução feminina. Precisavam provar que a mulher era humana. Precisavam despedaçar, com violência, se necessário, a estatueta de porcelana que representava a mulher ideal do século passado. Precisavam provar que ela não era um espelho vazio, passivo, uma decoração inútil, um animal sem inteligência, um objeto a ser usado, incapaz de interferir no próprio destino, antes de começarem a combater pelo direito de igualdade com o homem.

As mulheres demoraram a perceber que estavam ficando para trás nessa sociedade patriarcal, que a anatomia era o seu destino. E que, assim, confinadas entre quatro paredes, passivas, incapazes de controlar qualquer setor de suas existências, elas só tinham uma função: agradar aos homens. Tornando-se incapazes, portanto, de responderem a simples interrogação humana sobre quem eram, ou o que desejavam.

Diante de tal fato, não foi tão difícil compreender que a emancipação, o direito a ser totalmente humana, fosse tão importante para elas, mesmo que, para consegui-lo, tivessem que enfrentar uma sociedade opressora e, para tanto, algumas chegaram a lutar com os próprios punhos, foram encarceradas, fizeram greve de fome e até morreram pela causa. Pelo direito de evoluir humanamente, algumas feministas tiveram que renegar o seu sexo, o direito de amar, de serem amadas e de ter filhos. Friedan (1971, p. 71), sobre essa trajetória de lutas, ressalta que:

na luta pelo direito de participar de tarefas importantes e tomar decisões na sociedade ao mesmo nível que seu companheiro, elas negavam a própria natureza feminina, que só encontra a sua realização através da passividade sexual, da aceitação do domínio masculino e da maternidade. [...] Seu gesto foi um ato de rebeldia, uma violenta negação da mulher e como era então definida.

A sociedade só possuía como imagem de ser humano total e livre: o homem, e as feministas se davam conta disso. Somente este usufruía de total liberdade para amar, regozijar-se no amor e decidir sozinho, aos olhos de Deus, o que era certo ou errado. Assim, a mulher desejou para si essa liberdade, não por querer ser homem, mas por ser também humana.

Como a história nos conta, algumas mulheres conscientes de que grande parte delas não possuía o direito de ser totalmente livres decidiram modificar as condições que as mantinham escravizadas. Essas condições, formalizadas na forma de queixas contra o homem, foram enumeradas na Primeira Convenção em Prol dos Direitos da Mulher, realizada em Seneca Falls, em Nova Iorque, no ano de 1848. Dava-se aí o primeiro grande grito de liberdade. Já que a revolução feminista precisava ser empreendida, porque a mulher ficou simplesmente detida num estágio de evolução muito aquém de sua capacidade humana. Correndo novamente pela história do movimento feminista emergia também a ideia de que a igualdade entre os sexos era necessária, a fim de libertar tanto o homem como a mulher para a verdadeira realização sexual.

A luta dessas mulheres era constantemente bombardeada de falsas histórias para desmobilizar o movimento. Até hoje se houve falar das feministas como mulheres que odeiam os homens e a família. De acordo Friedan (1971, p. 77),

o mito de que as feministas eram monstros antinaturais baseava-se na crença de que destruir a submissão da mulher, ordenada por Deus, seria destruir o lar e escravizar os homens. Já que sua missão era permanecer em casa, acalmando com seu amor as paixões do homem que regressa da luta pela vida, e não participar da competição, lançando óleo às chamas.

Portanto, conceder à mulher direitos iguais seria destruir qualquer empecilho imposto a ela de usufruir da vida pública em prol de cumprir com as incumbências da maternidade e do lar. Seria desmistificar, ou até destruir a tão valorizada feminilidade. Desse modo, ao lutarem pela libertação do seu sexo, algumas se constituíram, de fato, num tipo diferente de mulher: tornaram-se seres humanos completos. Individualmente, as feministas parecem não ter tido mais razões que outras mulheres de seu tempo para invejar ou odiar o homem. Na verdade, o que tiveram foi coragem, força e consciência do respeito próprio, alcançado por uma educação que outras mulheres não tiveram, pois quase todas as feministas mais importantes pertenciam à classe média e foram induzidas, por uma diversidade de motivos, a se educarem e lutarem por uma identidade.

No entanto, de forma contrária, ao pensamento feminista da primeira onda, com o passar dos anos, as gerações seguintes não deram muita importância à luta dessas mulheres. Para a autora, “poucas mulheres dessas gerações decidiram usar de sua cultura e capacidade para um objetivo criador mais amplo, uma tarefa responsável na sociedade” (FRIEDAN, 1971, p. 290).

Na referida afirmação, estão situadas americanas das décadas de 1940 e 1950, mas que se assemelham muito com parte das brasileiras da atualidade, no modo de pensar e sentir sobre direitos e lutas femininas, sobretudo nos círculos conservadores, como os evangélicos. Nota-se, com isso, que com o tempo foi se solidificando a ideia de que o feminismo não diz respeito a direitos das mulheres. Para isso, alguns setores midiáticos vêm se empenhando a cada dia com seu discurso sobre o valor da família; como se ser feminista fosse afirmar, de outro modo, ser destruidora de lar, uma visão deturpada do que vem a ser a pauta da luta feminista, que é pela igualdade de direitos humanos. Por outro lado, também é cada vez mais comum o destaque em propagandas e revistas da imagem da mulher “empoderada”, emancipada e independente.

2.4 O feminismo em Butler: pelo fim da identidade de gênero

Judith Butler é filósofa pós-estruturalista estadunidense, uma das principais teóricas contemporâneas do feminismo e da Teoria Queer⁷. A autora defende a tese de que o gênero é um ato performativo. Suas teorias estão fundamentadas na “experiência vivida” e veem o corpo sexual como uma ideia ou situação histórica. Butler distingue sexo como uma “facticidade biológica” e gênero a “interpretação ou significação cultural dessa facticidade” (BUTLER, 2019, p.7).

Butler argumenta que o conceito de gênero é mais bem entendido como performativo, o que presume a existência de uma plateia social. Também defende que as *performances* femininas são forçadas e reforçadas por práticas sociais históricas. Em seu livro *Problema de gênero*, a autora traz uma reflexão sobre a primeira palavra do título “problema”. O termo anuncia a provocação da autora ao abordar a temática de gênero dentro do movimento feminista.

De acordo com Butler (2019, p. 07):

os debates feministas contemporâneos sobre os significados do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se sua indeterminação pudesse culminar finalmente num fracasso do feminismo. Mas “problema” talvez não precise ter uma valência tão negativa. [...] Problemas são

⁷ O *queer* é literalmente o estranho. É aquele que se narra ou é narrado fora das normas. A Teoria Queer propõe o questionamento às epistemes (pressupostos de saber), ao que entendemos como verdade, às noções de uma essência do masculino, de uma essência do feminino, de uma essência do desejo. Para a Teoria Queer é preciso olhar para esses conceitos e tentar perceber que não se tratam, de forma alguma de uma essência, ou mesmo, que não há uma ontologia do todo, mas, no máximo, uma relação de mediação cultural dos marcadores biológicos. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/cultura/51728/afinal-o-que-e-a-teoria-queer-o-que-fala-judith-butler>. Acessado em 12/06/2021.

inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de detê-los, a melhor maneira de detê-los.

A dicotomia sexo/gênero apresentada por Beauvoir em *O segundo sexo* serviu como uma espécie de pilar fundamental da política feminista contemporânea, já que parte da ideia de que o sexo é algo natural e o gênero é socialmente construído, desse modo, a mulher é um construto social. Assim, tomando como ponto de partida a problemática construção do gênero iniciada pela filósofa, Butler foi além da divisão apresentada e questionou também o conceito de mulher e do binarismo: feminino/masculino. Para ela, não é possível que exista apenas uma identidade, mas sim, identidades.

No entendimento da autora, não é possível que haja a libertação da mulher, a menos que primeiro se subverta a identidade desta, ou melhor, as identidades. Nesse ponto, ela se distancia um pouco das reflexões de Beauvoir e de Friedan, que tratam da opressão causada pela feminilidade num aspecto mais voltado para questões que circundam o universo do feminino: maternidade, casamento. Butler destaca o binarismo como primeira opressão, antes da feminilidade. Além disso, a autora levanta questionamentos também sobre a heterossexualidade, de forma a destacar a oposição sexo/gênero em novas coordenadas, nas quais podemos nos aprofundar em perguntas como: o que é ser homem ou o que é ser mulher? O que faz um homem ser homem e o que faz de uma mulher uma mulher? São questões cuja ampliação contemplaria a multiplicidade de sexualidades, tão visíveis na contemporaneidade, ao que vai chamar de atos performáticos. Para Butler (2019, p. 13):

a complexidade do conceito de gênero exige um conjunto interdisciplinar e pós-disciplinar de discursos, com vistas a resistir à domesticação acadêmica dos estudos sobre gênero ou dos estudos sobre as mulheres, e a radicalizar a noção de crítica feminista.

Entende-se, dessa forma, que somente por meio de discussões centradas em uma política com perspectivas feministas *gays* e *lésbicas* sobre gênero, é que as lutas feministas vão, verdadeiramente, contemplar a todos os indivíduos, já que, para Butler (2019), a teoria feminista, em sua essência, tem presumido que existe uma identidade definida compreendida pela categoria de mulheres, ao se pensar em feminino. A autora, no entanto, não concorda com essa ideologia adotada pelas feministas, pois para ela isso só deflagra os interesses e objetivos delas no interior de seu próprio discurso, não constitui o sujeito em nome de quem a representação política é almejada, tendo em vista que “os sistemas jurídicos de poder

produzem os sujeitos que subsequentemente vão representar”, e que “noções jurídicas de poder regulam a vida política puramente em termos negativos” (BUTLER, 2019, p. 19), ou seja: limitação, proibição, regulação, controle etc.

Tal afirmação significa que as pessoas reguladas nessa estrutura são sujeitadas a uma linguagem jurídica que reconhece as mulheres como única representação do feminismo e exclui *gays* e lésbicas desse sistema, pois, como nos diz Butler (2019, p. 23),

a fragmentação no interior do feminismo e a oposição paradoxal ao feminismo – por parte de “mulheres” que o feminismo afirma representar. [...] a sugestão de que o feminismo pode buscar representação mais ampla para um sujeito que ele próprio constrói gera a consequência irônica de que os objetivos feministas correm o risco de fracassar.

Entende-se, portanto, que uma saída para libertar esse sistema da dominação coercitiva e reguladora não é recusar a política representacional da “mulher” como identidade feminista, mas refletir, a partir de uma perspectiva dos feminismos, sobre a necessidade de se construir um sujeito do feminismo capaz de renovar uma política representacional que não exclua nenhuma forma de representação, ao que Butler chama de política “pós-feminista”.

Para Butler, alguns conceitos cristalizados e naturalizados na sociedade acerca de uma binaridade presente nos sujeitos decorrentes de uma heterossexualidade compulsória marcada pelo falocentrismo não representa o sujeito do feminismo nem abraça o projeto de emancipação de luta da mulher. Essa categorização perpassa por uma relação de poder que se expressa em uma linguagem, que, por sua vez, assume caráter político, ou seja, só se é alguém no momento em que facilmente seja identificado seu sexo biológico e, por conseguinte, seu lugar no mundo, sua inclusão no ordenamento jurídico vigente e tudo o que dele decorre.

A “identidade” do sujeito deve ser posta como pauta fundamental da política de luta feminista, tendo em vista que tudo o que foge à norma torna-se marginalizado, com dificuldade para inserção no meio social e vulnerável à punição. Então, quando se fala em liberdade de gênero, não se pode esquecer dos sujeitos que sofrem com a regulação vigente. Isso poderia ser resolvido se houvesse uma abertura para discursos diferentes acerca das identidades. Como nos diz Butler (2019, p. 43), “através de uma colisão se afirmaria identidades alternativamente instituídas e abandonadas, segundo as propostas em curso; tratar-se-á de uma assembleia que permita múltiplas convergências e divergências, sem obediência a um *telos* normativo e definidor”.

Nesse contexto, um movimento com vistas à militância não pode permitir que postulações que envolvam o corpo, o sexo e o desejo dividam a luta feminista, já que a identidade do sujeito não é algo inato, nem estático, mas um processo contínuo e revelado pela forma como este se expressa no mundo, portanto a heterossexualização do desejo vigente na sociedade não pode exigir que tipos diferentes de “identidades” não possam existir.

Conclui-se, assim, que Butler, tendo em vista uma opressão que começa na construção do gênero, que para ela é a primeira imposição implícita que a sociedade impõe ao sujeito, defende a necessidade de que haja união entre mulheres, *gays* e lésbicas dentro do movimento feminista, para que possam, de fato, buscar uma emancipação que inclua a todas as pessoas. Defende, ainda, que a luta por direitos iguais deve ser mais plural, menos preconceituosa, principalmente vinda de uma parcela da sociedade que conhece tão bem o que é ser excluído, julgado e lesado em direitos.

2.5 A feminilidade e o mito da beleza em Naomi Wolf

Com as lutas do feminismo, as mulheres ocidentais conquistaram alguns direitos legais de reprodução, de educação superior, de ingressarem no mercado de trabalho. Derrubaram vários tabus no aspecto da “feminilidade” direcionado a elas, porém, nesse meio tempo, enquanto se libertavam das algemas da mística feminina – boa esposa, boa mãe, boa dona de casa – continuaram, e até mesmo intensificaram, a obsessão pela estética do corpo perfeito, do mito da beleza imposto a elas. Como diz Wolf (2019), à medida que as mulheres se libertaram da mística feminina da domesticidade, o mito da beleza foi expandindo-se para assumir, de certa forma, a tarefa de controle social delas.

Um dos pontos centrais de manipulação da feminilidade imposto à mulher é a beleza: magreza e juventude. Esse é um conflito vivenciado pelas mulheres desde a infância e se prolonga por toda a sua vida. Ressalte-se que tanto Beauvoir como Friedan falam da manipulação e cobrança da sociedade com a imagem da mulher como reflexo de sua feminilidade. Assim, tendo em vista a necessidade de abordagem do tema, Wolf confronta a indústria da beleza, tocando em assuntos difíceis, como distúrbios alimentares e mentais e o desenvolvimento da indústria plástica.

Para Wolf (2019), muitas mulheres sentem vergonha de admitir que essas preocupações triviais – relacionadas à aparência física, ao corpo, ao rosto, ao cabelo, às roupas – têm tanta importância, mas fazem parte do cotidiano delas, mesmo que prefiram

negar. Desse modo, apesar da negação, é cada vez maior o número de mulheres que desenvolvem distúrbios psicológicos em detrimento de uma cobrança “invisível”, mas intensa da sociedade pela busca da imagem perfeita da beleza feminina. Nisso, está em jogo a libertação da mulher de mecanismos de manipulação machista, pois, de acordo com Wolf (2019, p. 25): “quanto mais numerosos forem os obstáculos legais e materiais vencidos pelas mulheres, mais rígidas, pesadas e cruéis serão as imagens da beleza feminina impostas a elas”. Isso acarreta vários distúrbios e sofrimento para a mulher; além dos danos físicos, trazem um aprisionamento da aparência.

O fato de mulheres sofrerem com a aparência para Wolf é estratégico. Serve para desmobilizar uma categoria que conta com mais de 50% da população mundial. É uma maneira de continuar com o poder nas mãos dos homens e controlar essa parcela da sociedade. Além disso, a manipulação da beleza torna em evidência a indústria dos cosméticos e de cirurgias plásticas, que veio suplantando a carência deixada com a diminuição da apelação da dona de casa perfeita e o consumo advindos disso. Destaque-se que a utilização da imagem da mulher contra si mesma se estende para os meios morais, sociais e profissionais. É uma forma de controle sobre quem ela é, aonde pode ir, como se divertir, e onde e como trabalhar.

Segundo Wolf (2019), esses ideais não caíram simplesmente dos céus, mas provêm de algum lugar e servem a um projeto, o qual tem, antes de tudo, um propósito de ordem financeira, ou seja, o de aumentar os lucros dos anunciantes que movimentam a mídia, que, por sua vez, cria os estereótipos da imagem perfeita. Além disso, para a autora:

esse ideal de beleza serve a um fim político, pois quanto mais fortes as mulheres se tornam, em termos políticos, maior é o peso do ideal de beleza sobre seus ombros, principalmente para desviar a energia e solapar seu desenvolvimento. (WOLF, 2019, p. 16).

Ressalte-se que, atualmente, na luta contra essa estereotipação de corpo e rosto perfeitos, temos algumas revistas femininas com publicações sobre a valorização das diversidades nas mulheres, inclusive a moda *plus-size*, a beleza negra e a beleza da velhice. Também, devido aos números exorbitantes de mulheres que sofreram problemas ao fazerem cirurgias plásticas, houve um aumento da valorização dos seios pequenos defendidos por atrizes e mulheres famosas. Além disso, campanhas sobre distúrbios alimentares realizados em escolas e algumas mídias.

Essas são ações benéficas às mulheres e uma forma de conscientização do perigo que estão correndo nessa armadilha da busca por uma beleza vendida por uma ideologia dominante. Porém, mesmo com todas essas mudanças, aparentemente favoráveis à saúde da mulher, ainda estamos longe de solucionar tal problemática, pois até mesmo essa suposta valorização das diversidades serve a um propósito comercial e de controle. Como destaque dessas mudanças, temos as observações de Wolf (2019, p. 21), que diz:

mulheres negras sentem-se mais livres para usar trajes e penteados afro tradicionais em ambientes profissionais, e a chapinha alisadora não é o fardo obrigatório que foi no início da década de 1990. Até mesmo a Barbie foi redesenhada com um tipo de corpo mais realista, e agora é oferecida em muitas cores. (WOLF, 2019, p. 21).

No entanto, apesar de todas essas ações atenuantes de opressão estética imposta às mulheres, o pluralismo que absorveu a mulher gorda e afro, anunciado pela mídia, não venceu a opressão imposta à imagem da mulher. Segundo Wolf (2019, p. 23), “como muitas ideologias da feminilidade, o mito da beleza muda para se adaptar a novas circunstâncias e põe em xeque o esforço que as mulheres fazem para aumentar seu próprio poder”. Prova disso é que os distúrbios alimentares (anorexia, bulimia e outros) continuam aumentando a cada dia entre as jovens, não fazendo distinção de classe; muitas sofrem com a busca da magreza ou de músculos aparentes⁸, do corpo “perfeito” vendido por imagens de modelos, às quais, muitas, também são acometidas pelo mesmo mal, chegando até a desmaios em público, ou mesmo a óbito.

Vivemos em uma sociedade onde a maioria das mulheres, desde as que ficam em casa, ou as que trabalham fora, sofre com os conceitos de beleza, obsessões com o físico e pânico de envelhecer. Esse sentimento é bastante violento contra elas, pois parte de uma ideologia que assume a função de coerção social assim como os mitos da maternidade e da domesticidade.

⁸ Na atualidade, as mulheres também apresentam uma obsessão por musculaturas proeminentes iguais às que os homens buscam. As academias estão cada vez mais lotadas.

3 FEMINISMO E LITERATURA NO BRASIL – DAS PRIMEIRAS MANIFESTAÇÕES AO LIVRO *UM ÚTERO É DO TAMANHO DE UM PUNHO*, DE ANGÉLICA FREITAS

O feminismo, de um modo geral, traz uma herança de luta de milhões de mulheres que sofriam opressão por causa de seu gênero. Logo, para usufruírem de direitos mínimos de emancipação e liberdade, sofreram muitas humilhações e, em alguns casos, até agressões. Muitas delas foram vilipendiadas e ridicularizadas, mas isso não as impediu de abrirem espaço para que outras pudessem obter direitos (civis e humanos), dando continuidade à luta por mais respeito, pelo fim do preconceito e da violência.

Baseado nos estudos sobre a trajetória do feminismo no Brasil realizado por Duarte (2019)⁹, Figueiredo (2020)¹⁰ e Hollanda (2019)¹¹, iremos traçar um pequeno panorama sobre a história dessa luta, suas protagonistas e sua repercussão na Literatura escrita por e sobre mulheres em nosso país. Para tanto, destacaremos alguns momentos, que, na opinião de Duarte (2019), marcaram esse percurso transgressor das brasileiras, ao qual ela chama de movimentos feministas ou, assim como é conhecido mundialmente, de “ondas¹²”. De acordo com a autora,

tais momentos conservam uma movimentação natural em seu interior, de fluxo e refluxo, e costumam, por isso, ser comparados a ondas, que começam difusas e imperceptíveis e, aos poucos (ou de repente), se avolumam em direção ao clímax - o instante de maior envergadura, para então refluir numa fase de aparente calma, e novamente recomeçar. (DUARTE, 2019, p. 26)

Ainda de acordo com Duarte (2019), no Brasil, o feminismo teve quatro ondas, sendo a primeira o direito de ter uma educação e de poder votar, ou seja, a autora cita um feminismo anterior ao já reconhecido pela história. Ressalta-se que essa periodização é a partir de um olhar particular da autora, mas que existem outros estudos com períodos diferentes sobre o feminismo no Brasil.

⁹ VER DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. In: **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**, Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

¹⁰ VER FIGUEIREDO, Eurídice. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

¹¹ VER **Pensamento Feminista Brasileiro: Formação e Contexto**, Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

¹² São conhecidos mundialmente os períodos que marcaram os movimentos feministas no mundo pelo termo onda. Para tanto, optou-se por utilizar neste trabalho a mesma referência ao termo onda para destacar os movimentos do pensamento feminista aqui no Brasil.

No início do século XIX, conforme Duarte (2019), nascia um feminismo antes do feminismo oficial no Brasil. Foi neste período, no qual as mulheres não tinham nenhum direito de aprender a ler nem a escrever, que mesmo sob condições adversas de preconceito e cerceamento de direitos educacionais, algumas conseguiram, através da primeira legislação¹³ (1827) que autorizou a abertura de escolas públicas no país, um mínimo de conhecimento das letras. Note-se que essa oportunidade surgiu para um número bem reduzido de mulheres, pois a escola veio para os meninos. Logo, as mulheres que conseguiram essa oportunidade eram, de alguma forma, privilegiadas; em sua maioria de classe média alta e com famílias um pouco mais esclarecidas. Assim, essas pioneiras, que, segundo Duarte (2019, p. 26):

puderam ter uma educação diferenciada, tomaram para si a tarefa de estender os benefícios do conhecimento às demais companheiras, e abriram escolas, publicaram livros, enfrentaram a opinião corrente que defendia a ideia de que mulher não necessitava saber ler nem escrever.

Dessa forma, de acordo com Duarte, por mais que essas mulheres não conhecessem a fundo sobre feminismo, ou mesmo não se rotulassem feministas, o fato de nutrirem o desejo de ir além dos afazeres domésticos e buscarem por uma formação educacional, já as configuravam como precursoras na busca por direitos, e assim, feministas (ressalte-se que situar essas mulheres como feministas é uma observação particular de Duarte). Dessa trajetória, o primeiro nome a ser destaque é o de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885).

Natural do Rio Grande do Norte, morou em outros estados e fora do país. Ela foi uma das primeiras mulheres a publicar textos na grande imprensa. Além dos jornais, Nísia publicou livros, dentre eles destacamos o primeiro e o mais conhecido cujo título é *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, de 1832. Como visto no próprio título, a obra conclama um olhar sobre a desigualdade sofrida pelas mulheres. Desse modo configura-se como a primeira a tratar dos direitos das mulheres à instrução e ao trabalho no país.

De acordo com Duarte (2019, p. 29), “a obra foi inspirada em *Vindications of the rights of Woman*, de Mary Wollstonecraft, nos escritos de Poulain de La Barre, e nos famosos

¹³A primeira contribuição da Lei de 15 de outubro de 1827 foi a de determinar, no seu artigo 1º, que as Escolas de Primeiras Letras (hoje, ensino fundamental) deveriam ensinar, para os meninos, a leitura, a escrita, as quatro operações de cálculo e as noções mais gerais de geometria prática. Às meninas, sem qualquer embasamento pedagógico, estavam excluídas as noções de geometria. Aprenderiam, sim, as prendas (costurar, bordar, cozinhar etc.) para a economia doméstica. Disponível em <https://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/482/A-lei-de-15-de-outubro-de-1827>. Acesso em 22/06/2021.

artigos da *Declaração dos Direitos da Mulher e da cidadã*, de Olympe de Gouges”. A autora afirma que esse pode ser considerado o texto que inaugura o pensamento feminista no Brasil, e que, diferente dos outros países, nosso feminismo nasce inspirado em feministas de fora (DUARTE, 2019). Não poderia ser diferente, levando em conta o atraso cultural do Brasil, o que justifica o fato de que enquanto as feministas da Europa e dos Estados Unidos lutavam por mais direitos educacionais e trabalhistas, aqui se reivindicava o direito primário à alfabetização de mulheres.

O contato com a educação e a oportunidade de aprender a ler e a refletir os textos lidos foi fundamental para que essas mulheres saíssem do torpor a que estavam submetidas e iniciassem uma trilha de busca por direitos. Por volta de 1870, acontece a expansão de textos escritos por mulheres em jornais e revistas, editados no Rio de Janeiro. Dessas produções vale destacar *O Sexo Feminino*, dirigido por Francisca Senhorinha da Mota Diniz e o *Echo das Damas*, editado por Amélia Carolina da Silva Couto (1857 a 1875).

Dessas jornalistas, Josefina Álvares de Azevedo (1851-1905) destaca-se por questionar a ideologia do feminino na representação da mulher. Através do jornal *A família*, que dirigiu de 1888 a 1897, questionou a construção ideológica sobre as mulheres e sugeriu mudanças radicais na sociedade que visassem à emancipação delas. Ressalte-se que o fato de ter um veículo de comunicação que trouxesse à tona discussões sobre direitos das mulheres, naquela época, configurou-se como instrumento indispensável para a conscientização feminina e possibilitou às gerações seguintes galgarem uma luta por mais direitos civis, a saber, a luta das sufragistas brasileiras.

O sufrágio, de acordo com Duarte (2019), fez parte da segunda onda feminista no Brasil. Porém, em vários estudos, é este o primeiro movimento feminista de forma concreta em nosso país. “Esse movimento de agitação internacional, esteve presente em todas as sociedades industriais, caracterizado por dois objetivos centrais: o direito ao voto e à educação.” (GARCIA, 2011, p. 48). Em nosso país, o movimento sufragista aconteceu por volta do início do século XX. Surgindo algum tempo depois da Europa e dos Estados Unidos, vai se configurar com toda a força de que dispunham as feministas brasileiras, com uma consistência sólida e organizada, devido a uma conscientização maior por parte das mulheres, tornando-se decisivo para a cidadania delas.

Como ressalta Duarte (2019, p. 35):

inicia-se uma movimentação inédita de mulheres mais ou menos organizadas, que clamam pelo direito ao voto, ao curso superior e à ampliação do campo de trabalho, pois queriam não apenas ser professoras, mas também trabalhar no comércio, nas repartições, nos hospitais e indústrias.

O fato de compreender as desigualdades existentes entre homens e mulheres compôs um cenário que conclamava todas (engajadas no pensamento feminista ou não) a participar dessa luta. Diante desse cenário, muitas mulheres se destacaram, como Bertha Lutz (1894-1976), formada em Biologia, pela Universidade de Sorbonne (Paris). Ela foi uma das principais representantes da campanha do voto feminino.

De acordo com Guilherme Alexandre Santos (2020):

As Sufragetes brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista, que estudou no exterior e voltou ao Brasil em 1910, iniciando a luta pelo voto, foi uma das fundadoras da Federação Brasileira Pelo Progresso Feminino. No Brasil o direito ao voto foi conquistado em 1932 quando foi promulgado o novo Código Eleitoral Brasileiro.

Nome também importante é o de Maria Lacerda Moura (1887-1945), a qual iniciou sua luta pelas mulheres ao publicar *Em torno da educação*, em 1918. Ela e Berta Lutz assumem lideranças expressivas em prol do direito pela igualdade entre homens e mulheres no Brasil. Berta, juntamente com outras companheiras funda a *Federação Brasileira pelo Progresso Feminino*, a qual perdurou por cinco décadas. E ao lado de Maria Lacerda, cria a Liga pela Emancipação Intelectual da Mulher. Maria Lacerda, que era adepta do amor livre, a favor da educação sexual e contra a moral vigente, mudou o foco de luta abraçando a causa operária. No entanto, deixou registrada sua passagem pela luta sufragista e feminista, pois desafiou e enfrentou a sociedade de seu tempo de forma coesa, persistente e engajada. Isso foi demonstrado em 1924 com a publicação de seu livro *A mulher é uma degenerada?*

Ainda nesse contexto destacamos Ercília Nogueira Cobra (1891-1938), que em 1922, no evento da Semana de Arte Moderna, publicou o livro *Virgindade inútil: novela de uma revoltada*, seguidos de *Virgindade anti-higiênica: preconceitos e convenções hipócritas* (1924) e *Virgindade inútil e anti-higiênica: novela liberlística contra a sensualidade egoísta dos homens* (1931). Obras muito polêmicas que falam em tom de denúncia sobre a exploração sexual e trabalhista da mulher, da dupla moral e sua consequência na vida de muitas mulheres. Destaca-se, segundo Duarte (2019), que Ercília, por causa de seu discurso transgressor, foi detida várias vezes pelo Estado Novo, chegando a ser presa por suas ideias. Ou seja, não

diferente de outros países, as feministas brasileiras também sofreram represálias, censuras e violência. Ressalte-se também o não conformismo delas, que tiveram de esperar até 1932 para poder ter seus direitos garantidos pelo então presidente, Getúlio Vargas, que incorporou ao código Eleitoral o direito ao voto às mulheres, nas mesmas condições que os homens.

Depois desse ganho do direito ao voto, o movimento feminista perde força, e só volta a aparecer a partir da década de 1960, surgindo aí, de acordo com Duarte, a terceira onda brasileira, vindo a se solidificar na década de 1970. No entanto, enquanto em outros países se discutia sobre os direitos sexuais, reprodutivos e profissionais. Aqui, como vimos, ainda se engatinhava nessas pautas, as mulheres almejavam o direito de ocuparem o espaço público, de saírem de casa, de serem vistas como pessoas capazes e pensantes e não rotuladas por causa do seu sexo/gênero. Como ressalta Duarte (2019, p. 42):

É nos anos 1970 que o feminismo tem seu momento mais exuberante, aquele que foi capaz de alterar radicalmente os costumes e transformar as reivindicações mais ousadas em direitos conquistados. O ano de 1975 tornou-se o Ano Internacional da Mulher, estendido até 1985. Encontros e congressos de mulheres se sucederam, cada qual com suas especificidades de reflexão, assim como muitas organizações, nem tão feministas, mas todas reivindicando maior visibilidade, conscientização política e melhoria nas condições de trabalho.

Essa consciência política torna-se possível através dos grupos de estudos que surgem nas universidades ao longo dos anos de 1970 a 1980. Através de um movimento bem articulado entre feministas e universitárias, são institucionalizados os estudos sobre mulher semelhantes aos que já aconteciam na Europa e nos Estados Unidos, dando oportunidade dessas mulheres de participar de diversos eventos, como seminários, debates acadêmicos e congressos. Nesse período, ocorrem as lutas de mulheres feministas e não feministas, surgem mulheres que lutam contra a Ditadura Militar e que, de forma diferenciada, mas não menos importante, contribuem na aquisição de direitos, não somente para as mulheres, mas para homens também.

Dessa forma, as décadas de 1960 a 1970 ficaram caracterizadas por uma violência escancarada contra mulheres de esquerda que enfrentaram cara a cara os militares, reivindicando a anistia, direito a creches, saúde do corpo e aumento do salário feminino e os grupos de estudos acadêmicos. Já as décadas de 1975 a 1990, de acordo com Duarte (2019), situa a quarta onda brasileira. Período esse que registrou os ganhos de uma geração que pode, através dos livros de teóricas feministas, se apropriar da história das mulheres e das ideologias de gênero que circundam o feminino e, desse modo, possibilitou às feministas trazerem

discussões sobre as diversidades e o feminismo da diferença, o qual procurou negociar um espaço dentro da esfera feminista para a consideração de subjetividades relacionadas à raça. Desse modo, elas ampliaram suas ideias abolindo as expectativas de estereótipos baseados em gêneros e destacaram a interseccionalidade no feminismo.

Para destacar a importância das mulheres que atuaram na ditadura, este trabalho trouxe como representante dessas protagonistas a feminista Maria Amélia Teles que apresenta em seu livro *Breve história do feminismo no Brasil* (2013) um relato denunciador da trajetória dessas mulheres e homens que lutaram e “morreram” por justiça e liberdade dos brasileiros.

3.1 Mulheres e as forças armadas: o feminismo brasileiro em Teles

Uma das fundadoras da União de Mulheres do Município de São Paulo, Maria Amélia Teles, foi perseguida e torturada durante o Regime Militar. Na década de 70, foi uma das responsáveis por publicar o jornal *Brasil Mulher*. A publicação abordava temas atuais ainda hoje: dos direitos das trabalhadoras domésticas à criação de políticas de saúde específicas para o público feminino. O primeiro número estampava, na capa, a fotografia de uma mulher jovem, negra e grávida. A escolha de Teles é proposital e remonta uma denúncia da situação de muitas mulheres brasileiras que mereciam ganhar visibilidade na sociedade e no próprio movimento feminista, tendo em vista que o feminismo brasileiro, ao longo do século XX, era constituído de brancos e intelectualizados. Hoje, vivemos a emergência de grupos mais fragmentados e diversos. Temos o feminismo negro, o feminismo LGBTQIA+ e de grupos mais jovens.

No Brasil, coletivos se organizavam clandestinamente e começava a surgir uma importante imprensa feminista. Pautas específicas, como o direito ao aborto seguro e o combate à violência doméstica, se misturavam a cobranças mais gerais, como o fim da ditadura, soltura de presos, pela anistia deles e pela redemocratização do país. Assumir, portanto, uma postura reflexiva e consciente diante desse quadro é solidarizar-se com quem lutou e luta pelo fim das desigualdades de gênero, de raça e de classe. Por isso, abordar a luta da mulher, sua rebeldia e constante busca de transformação de sua condição feminina não é simples, pois vai além dos planos econômico, social e cultural e implica assumir uma postura de indignação com um fenômeno histórico de desigualdade que abrange mais da metade da população universal. Como nos diz Teles (2017, p. 21):

é preciso compreender que a submissão, por mais sutil que seja, é o resultado de um processo de tal forma brutal que acaba por impedir a própria vontade de viver

dignamente. Ninguém é oprimido, explorado e discriminado porque quer. Uma ideologia patriarcal e machista tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica. A mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda a humanidade, é um ser social, criativo e inovador.

Nesse contexto, por entender o quanto a cultura machista é nociva à mulher, o quanto a escraviza e a anula diante do mundo, é que os movimentos feministas, na figura de várias mulheres, decidiram pela luta contra o fim dessa opressão, encarando o embate com um sistema repressor e violento que se configurava não somente na ideologia patriarcal, mas de repressão política, como foi o período da Ditadura Militar. Segundo Teles (2017, p. 245): “as mudanças políticas, econômicas e sociais, ocorreram bruscamente. Com o surgimento das multinacionais, a política ditatorial expulsou a população da terra e causou o deslocamento forçado da população rural para as áreas urbanas”.

Esse panorama de exceção impulsionou uma mudança no comportamento social dos brasileiros, em especial, das mulheres, as quais sem muita escolha, trataram de forma diferenciada e abrangente problemas do cotidiano considerados de ordem pública ou privada. Elas romperam com paradigmas de estereótipos de fragilidade, ou de serem mantidas no espaço doméstico. De acordo com Teles (2017, p. 245): “todas essas mulheres que lutaram por direitos das mulheres, e também dos homens – como as que pegaram em armas para defender o país, foram torturadas e até mortas – foram responsáveis pelo movimento feminista no Brasil”.

Os riscos que elas corriam eram imensos. Não somente as mulheres, mas também homens e crianças. Todos estavam sob ameaça de uma repressão implacável que os faziam esconder-se e mudar de lugar constantemente. Isso para evitar serem presos, torturados, mortos ou simplesmente sumirem, como aconteceu com muitos presos na ditadura. Como ressalta a autora:

encontrando-se e desencontrando-se, as mulheres buscaram condições para um feminismo vinculado aos interesses populares, particularmente ao das trabalhadoras e donas de casa. [...] as mulheres foram o segmento que mais teve mudanças nas suas relações com o trabalho, com a família, com os homens e também no campo da política (TELES, 2017, p. 246).

Diante desse contexto, uma parcela de mulheres se viu obrigada a enfrentar, a seu modo, esse período. Teles (2017, p. 246) ainda destaca que:

algumas mulheres entraram nos movimentos de luta armada, muitas que precisavam se tornar invisíveis, foram morar clandestinamente, devido às perseguições, e outras

foram viver nas periferias das grandes cidades ou mesmo, na área rural, e até na selva amazônica, onde aconteceu o movimento guerrilheiro do Araguaia.

No entanto, mesmo demonstrando determinação em serem parceiras de luta, a esquerda apresentou muita relutância em aceitar a incorporação de mulheres nos grupos guerrilheiros. Atitude esta justificada por ser formada, em sua maioria, por membros do sexo masculino que traziam uma visão dogmática e conservadora e que, por isso, acreditavam que as mulheres, tendo em vista a dureza da repressão, não conseguiriam enfrentar um inimigo tão violento. Diferente dessa compreensão, os militares tinham outra visão sobre as mulheres. Para Teles (2017, p. 247):

a ditadura, na medida em que a oposição se mobilizava com ações políticas e armadas, percebeu a força das mulheres na luta e começou a persegui-las com todo o rigor repressivo. Na luta contra a ditadura, armada ou não, participaram mulheres brancas, negras, orientais (japonesas). Para a ditadura o inimigo tinha sexo, raça/etnia e classe social, e as mulheres só eram comparáveis aos gays, nas palavras de um alto oficial do exército, Coronel Paulo Malhães.

Muitas mulheres militantes da esquerda sofreram sequestros, estupros, torturas de todos os tipos e prisões arbitrárias. Como nos diz Teles (2019, p. 248): “um número significativo de mulheres foi torturado até a morte, algumas tiveram seus corpos sepultados por seus parentes, outras têm seu corpo desaparecido até hoje”. Ressalte-se que fazer parte desses grupos de forças armadas e lutar contra um regime tão violento e desumano exigiu dessas mulheres demonstrarem uma coragem, determinação e ousadia jamais previstas pela sociedade. Para se manterem vivas e sonhar com o fim da ditadura e a implantação de direitos civis e humanos, algumas aprenderam a se tornar guerrilheiras e fizeram de tudo, desde atravessar rios nadando, pegaram em armas, rastejaram na selva. Aprenderam a se orientar por dias e dias, subir em árvores, plantar roça, fazer partos, curativos e extração de dentes, além disso, desempenhavam a função de alfabetizar os que não sabiam ler. Desse modo, tomaram para si a obrigação de utilizar de todo esforço possível para lutarem por um país livre onde elas e seus familiares pudessem viver de forma digna.

Assim, foram as mulheres, sejam elas guerrilheiras, universitárias, jornalistas, operárias, ou mulheres de periferia, ou seja, todas as que fizeram parte desse momento histórico no Brasil, que lutaram dentro de suas especificidades contra a opressão de gênero, direito à vida e à liberdade, as responsáveis por todas as mudanças e benefícios que as gerações futuras usufruem. Ressalte-se que as reflexões apresentadas neste trabalho sobre a

contribuição das mulheres de esquerda, incluindo aí as guerrilheiras, nas lutas feministas, são baseadas na obra de Maria Amélia Teles.

Para ilustrar o segundo grupo de feministas da década de 1970, o das universitárias, optou-se pelo relato de Heloisa Buarque de Hollanda, membro desses grupos de estudos sobre mulher.

3.2.1 *Feminismo Universitário: lendo e debatendo sobre mulher*

Diante dos relatos de Heloisa Buarque de Hollanda, “o período que se tem mais aproximado dos estudos de gênero no Brasil data das décadas de 1960-1970, chamados de ‘grupos de reflexão’” (HOLLANDA, 2019, p. 10). Esses grupos são vistos como o início da troca do conhecimento estratégico de questões relativas à condição de opressão das mulheres. Neles se discutia questões diversas que diziam respeito à vida profissional, doméstica e política. As leituras iam desde textos trazidos por mulheres que voltavam de exílios ou visitas a outros países. De acordo com a autora: “os livros citados como leituras recorrentes e infalíveis nesses encontros de mulheres eram *A origem da família, da propriedade privada e do estado*, de Friedrich Engels; *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir; *A mística feminina*, de Betty Friedan; e *Política sexual*, de Kate Millet (HOLLANDA, p. 10, 2019).

O contato com o pensamento feminista internacional deu forma ao feminismo brasileiro em sua época mais contundente e expressiva, ao trazer discussões a partir do *slogan* “não se nasce mulher, torna-se mulher” de Beauvoir, assim como também a familiaridade da insatisfação e revolta com a condição da mulher retratada pela polêmica em torno do mito da heroína doméstica defendida por Friedan e do sexo como categoria política legítima, de Kate Millet, a qual disseminou o mote da época e até hoje: “o pessoal é político”.

Heloisa destaca que o feminismo internacional, sobretudo os Women’s Studies que surgiram nos Estados Unidos na década de 1960, influenciaram essas universitárias a se engajar nos grupos de reflexão aqui no Brasil (HOLLANDA, 2019). No entanto, são grupos compostos de forma distinta, pois além de ficarem reduzidos às áreas das ciências sociais, privilegiavam uma pauta mais afinada com o discurso de esquerda, o que foi crucial para a tomada de consciência política. Todavia, como a esquerda tinha como aliada à igreja progressista, algumas pautas importantes para as mulheres foram deixadas em segundo plano, como os referentes ao aborto, à sexualidade e ao planejamento familiar, daí ser chamado de “feminismo bem comportado”.

Nesse contexto acadêmico, apesar de o Brasil não contar com um acervo teórico substancial sobre questões da mulher, e ter sido composto pelo pensamento feminista internacional, surgiram alguns estudos bastante expressivos e de representação da mulher aqui no país. Dentre esses podemos destacar a tese *A mulher na sociedade de classe: mito e realidade*, defendida em 1967 por Heleieth Saffioti. De acordo com a autora:

os tipos de mulher economicamente ativa e dona de casa devem, portanto, ser vistos como momentos da sociedade capitalista enquanto totalidade dialética. As relações dialéticas existentes entre estratificação social e a estrutura de classes exprimem a inconsistência da posição dos papéis femininos. (SAFFIOTI, 2013, p. 491).

O texto de Saffioti é considerado até hoje como o de maior representação nos estudos sobre mulher no Brasil. Apesar de ter adotado uma orientação marxista, a pesquisa trata questões subjetivas da condição da mulher, destacando como a classe opera na opressão e na divisão entre homens e mulheres.

Além de Heleieth, outro nome de peso é o de Rose Marie Muraro. De acordo com Hollanda (2019, p. 12):

ela foi uma das personagens mais importantes dos momentos iniciais do feminismo. Trabalhou de forma feminista desde os primórdios de 1960. Um feminismo que deveria incluir as mulheres de camadas mais pobres, e que se afinasse com a luta do Estado e com o ideário de esquerda relativo à necessidade imperiosa de uma transformação social. Como resultado de sua pesquisa, em 1983 publica o livro *Sexualidade da mulher brasileira*.

Mesmo sem se integrar aos estudos acadêmicos, Rose realizou pesquisas muito importantes para as brasileiras, desenvolveu um trabalho de militância contundente na Editora Rosa dos Tempos (HOLLANDA, 2019). Sem contar o fato de ser responsável pelo acontecimento memorável que foi a vinda de Betty Friedan ao Brasil para o lançamento, em março de 1971, de *Mística Feminina*, livro traduzido por Rose Muraro. Betty e Muraro participaram de uma entrevista ao *O Pasquim*. Evento este que ficou registrado pelo polêmico confronto da escritora feminista e os entrevistadores “progressistas”. Assim como as ofensas da mídia com a escritora, chamando-a de feia, nariguda, neurótica, entre outros predicativos depreciativos.

Isso só mostra, que quando uma mulher vai a público e questiona os mitos da feminilidade, sobretudo quando mostra os agentes que contribuem para que o sexismo permaneça, e com ele o aprisionamento físico e intelectual delas, mexe no vespeiro patriarcal

e, para contra-atacar, esses agentes apelam para o que eles julgam ser a fraqueza das características feministas, como a aparência (feias, mal vestidas, mulher macho) e o ódio contra os homens. Esse foi, e continua sendo, o discurso antifeminista utilizado pela sociedade.

Diante do relato de Heloisa, pode-se compreender a importância do pensamento feminista internacional na composição desse feminismo consagrado da atualidade no Brasil (ao que ela chama de quarta onda).

Agora, passaremos ao panorama da literatura escrita por mulheres em nosso país e suas contribuições com a disseminação de qualquer tipo de opressão de gênero sofrida pelas mulheres.

3.2 Literatura feminista brasileira: contribuições das pioneiras até Angélica Freitas

Nos dias atuais, pode ser encontrada uma diversidade de estudos sobre gênero, escrito por e sobre mulheres, assim como um número bastante grande de produções literárias com temáticas sobre corpo e identidades femininas. Isso se dá pela necessidade sentida por melhores políticas públicas nas questões da temática de gênero. Porém, muitas dessas pessoas que integram o grupo de pesquisadores sobre liberdade sexual e de gênero não aceitam ser chamadas de feministas, como se lutar pelo fim da opressão de gênero e feminismo fossem coisas dissociadas.

Diante da importância das produções literárias na promoção do pensamento feminista no Brasil, buscaremos rastrear um pouco dessas publicações e sua influência na Literatura como ferramenta artística social, emancipatória e política, através de um panorama que teve como critério de escolha a escrita de mulheres que criticam e denunciam de alguma forma a opressão advinda do patriarcado, como também reivindicam por uma vida mais justa.

De início, destacamos a escritora Gilka Machado (1893-1980), pela publicação, em 1932, do primeiro livro de poemas, cujo título era *Meu glorioso pecado* (considerado o primeiro livro de poemas eróticos do Brasil). Como esclarece Duarte (2019), Gilka, como poucas escritoras de seu tempo, promoveu a ruptura dos paradigmas masculinos dominantes e contribuiu para a emancipação da sexualidade feminina. Além de poeta, participou de movimentos em defesa dos direitos da mulher.

Nome reconhecido e aclamado por suas composições bastante realistas, Rachel de Queiroz foi uma das mulheres que compuseram o cânone literário. Ela, ainda bem jovem, de forma bem vanguardista para sua época, fixou-se no mundo das letras, vindo a ocupar espaços que, naquele período, eram considerados espaços masculinos. Através de seu livro *O quinze*, de 1930, quando tinha apenas vinte anos, já se delineava uma escritora que vinha para se firmar no campo literário. Em suas narrativas, desde contos, crônicas e romances, aborda temáticas de homens fragilizados pela seca, mulheres emancipadas e outras que sofrem quando buscam romper com as ideologias do feminino imposto a elas, como no livro *As três Marias*, publicado em 1939, que descreve a vida de três mulheres, destacando como o destino pré-determinado de cada personagem vai se configurando em sua vida de acordo com o que foi escolhido para elas. É um romance descritivo e denunciador da condição da mulher daquela época e, por isso, transgressor. Mesmo que a autora nunca tenha se assumido feminista, descreveu em suas obras mulheres que lutaram contra um sistema opressor. Para concretizar sua carreira como precursora na luta por espaços masculinos, em 1977 foi a primeira mulher a assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Inúmeras outras escritoras trouxeram em suas personagens questões debatidas sobre a condição da mulher. Nesse contexto, trazemos um nome de extrema importância em falar sobre mulher, seus conflitos existenciais e físicos, citamos o nome da escritora Cecília Meireles.

Educadora, poeta e militante em prol dos direitos educacionais femininos, como descreve Valéria Lamejo (1996, p. 19), “Cecília era uma jornalista liberal e defensora das liberdades, da paz, da instauração da democracia”. A escritora defendia que somente a educação podia transformar anos de opressão. Ela dizia: “como seria bom poder, destruindo uma instituição, uma lei, uma fórmula, agir magicamente sobre uma ideia”¹⁴. Cecília compôs, como escritora e jornalista, uma figura defensora da educação no país. Para tanto, enfrentou através da imprensa, um governo ditador. Na literatura abordou temas do universo feminino em seus versos, como a solidão da viuvez, o luto da mãe que perdeu um filho para a guerra, além de destacar em muitos poemas questões relativas à aparência como mecanismo de opressão feminina, contribuindo com seus textos, para a luta feminista.

¹⁴ Comentário “A extensão de nossa liberdade”, Páginas de Educação, Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 06/01/1930. In: LAMEJO, Valéria. **Uma farpa na Lira: Cecília Meireles na revolução de 30**. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Outra figura das letras trazidas neste recorte é Clarice Lispector. A escritora surge profissionalmente com a publicação do romance *Perto do Coração Selvagem*, em 1944, que apresenta um estilo de escrita marcado pela inovação. Seguindo um caminho diferente das tendências literárias da década de 1940, seus textos colocam em foco o inconsciente — os sentimentos e sensações das personagens são muito importantes.

Conforme Elódia Xavier (2012, p. 39):

Além de tratar de um ícone da literatura brasileira, Clarice Lispector efetua a ruptura com a narrativa em que as relações de gênero ditam o comportamento dos personagens. Sua obra questiona, ironicamente, as práticas sociais vigentes, destruindo, com sutileza, a ideologia patriarcal. Porém, raramente a casa aparece com uma função estrutural, a não ser na sua extensão de vida doméstica, contribuindo para o questionamento das relações de gênero.

Obra que mais apresenta a temática da mulher como figura deslocada e desiludida com a mística feminina é seu livro de contos *Laços de Família* (1960). Na referida obra, suas personagens representam de forma ficcional uma coletividade de mulheres que estão enquadradas nesse modelo patriarcal de alienação de “rainha do lar”.

Saindo da temática do cotidiano feminino da dona de casa, temos como referência uma escritora transgressora: Hilda Hilst. Ela se destacou por suas publicações, que ora eram assimiladas de forma tranquila, ora eram polêmicas por seus aspectos considerados pela mídia como “pornográfico chique”. Para ilustração, escolheremos alguns dos livros que foram considerados parte de sua fase erótica/pornográfica, dentre eles: *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d’escárnio. Textos grotescos* (1990), *A obscena senhora D* (1993). De acordo com Mechthild Blumberg (2015, p. 123):

na temática amoroso-sexual hilstiana, podemos constatar uma evolução de tom. Partindo de uma poesia de dedicação lírica ao amado inspirada nas cantigas medievais, o discurso desemboca, na representação dos mais desviantes comportamentos sexuais, combinando sarcasmo, erotismo e humor, como resposta grotesca à absoluta perda de esperança e de sentido com relação ao mundo e ao gênero.

Os textos hilstianos vão tematizar a liberdade feminina na escolha de parceiros, até de se objetificar sexualmente, tratando o erótico e obsceno como mecanismo de protesto e libertação. Nesse contexto destacamos outras mulheres que, na década de 1980, abordaram a liberdade feminina em seus textos. Corroborando com a descrição desse panorama de escritoras com temáticas feministas, Blumberg (2015, p. 03-04) destaca:

Na poesia de Yêda Schmaltz (*A alquimia dos nós*, 1979, *Bacos e Anas brasileiras*, 1985), o erotismo vai da sensualidade dramática ao lúdico e é impregnado de sacralidade tanto como de feminilidade instintiva e orgiástica. A fusão do erótico com o divino também é trabalhada por Adélia Prado (a partir de 1976), na combinação de sensualidade e espiritualidade, lirismo e desbocamento. Nos anos 1980, chamaram a atenção com um discurso erótico autoras como Marina Colasanti (*E por falar em amor*, 1984) e Márcia Denser (com a compilação de textos próprios e de várias autoras – Edla van Steen, Rachel Jardim, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Cecilia Prado, Olga Savary, Sônia Coutinho, Renata Pallotini, Myriam Campello, Cristina de Queiroz, Sonia Nolasco Ferreira – em *Muito prazer*, 1980 e *O prazer é todo meu*, 1984).

Ressalte-se que todas as autoras citadas acima e outras que não estão presente neste trabalho, mas que também contribuíram para disseminar uma escrita que tratasse da liberdade das mulheres utilizando as temáticas do corpo/sexo como pano de fundo de suas obras, terão uma efervescência bem maior e expressiva a partir das décadas de 1960 a 1990.

Rompendo com o padrão de uma literatura considerada canônica, formada em sua maioria de pessoas brancas e de classe média, surgem nomes de mulheres negras e pobres que ousaram publicar suas obras. Como diz Heloisa Buarque de Hollanda, “é importante começar a história de algum lugar, ainda que arbitrário” (HOLLANDA, 2021, p. 03). Desse modo, para representar esse segmento, optou-se por duas autoras de grande nome e reconhecimento na literatura brasileira e no exterior. Falaremos então de Carolina Maria de Jesus e de Conceição Evaristo. Mesmo que a escrita de Carolina não esteja vinculada diretamente com as bandeiras feministas, só o fato de uma favelada, pobre e negra escrever, já é transgressor.

Carolina Maria de Jesus surgiu na cena literária brasileira através da publicação, em 1960, de *Quarto de despejo*, diário em que ela relatava a sua sofrida vida como mãe solo de três crianças, moradora de favela e catadora de papel na cidade de São Paulo na segunda metade da década de 1950. O livro fez um sucesso estrondoso, vendeu dez mil cópias na primeira semana e já foi traduzido até hoje para dezesseis idiomas.

A trajetória de Carolina é, sob muitos aspectos, única em nossa literatura. Migrante do interior de Minas Gerais e oriunda de uma família de agricultores pobres e analfabetos, estudou apenas até o segundo ano do primário, que será toda a educação formal com que contará pelo resto da vida. Autodidata, plasmava em seus textos a literatura do Romantismo e a linguagem oral, dando origem a uma escrita híbrida, original e desafiadora para a crítica literária.

Quarto de despejo é um marco na representação da pobreza no Brasil, pois promoveu pela primeira vez uma inversão do lugar dos pobres de *objetos* para sujeitos de sua própria representação em nossas Letras, dando início ao que viria a ser chamado mais tarde de “literatura marginal-periférica”.

O sucesso da autora, porém, durou pouco, e ela voltou à pobreza e ao anonimato quase completo já por volta de 1964, em decorrência do racismo estrutural brasileiro, da indiferença dos leitores com os outros livros que ela publicou e da instalação no país da ditadura empresarial-militar que governaria o país por vinte e um anos.

Apesar disso, conseguiu publicar ainda em vida os livros *Casa de alvenaria* (1961), *Pedaços da fome* (1963) e *Provérbios* (1963) e as obras póstumas *Diário de Bitita* (1986), *Antologia Pessoal* (1996), *Meu estranho diário* (1996), *Onde estaes, Felicidade?* (2014), *O meu sonho é escrever* (2018) e *Clíris* (2019). Por sua importância histórica, seu sucesso editorial e sua influência em outras escritoras, Carolina Maria de Jesus é provavelmente o nome mais importante da literatura negra no Brasil.

Quanto a Conceição Evaristo, esta percorreu uma trajetória diferente da de Carolina, pois mesmo vindo de família negra e pobre, conseguiu adentrar nos campos acadêmicos e literários. Sobre a biografia da autora, tomamos o recorte feito por Bruna Viciniescki (2020), em que se lê que Conceição Evaristo iniciou sua carreira como escritora nos *Cadernos Negros* na década de 70 e que só veio publicar seu primeiro romance, *Ponciá Vivêncio*, em 2003, seguido de *Becos da memória* em 2006. Assim como dois livros de contos: *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), seguido por *Olhos D'água*, em 2014, obra que possibilitou a Evaristo o prêmio Jabuti de contos e crônicas em 2015. Além desses livros, lançou *Histórias de leves enganos e parecenças*, em 2016¹⁵. Como ressaltam Ribeiro, Ferreira e Couto (2019, p. 41- 42):

Com o advento da pós-modernidade, a noção de cânone torna-se cada vez mais frágil, uma vez que a literatura das minorias, sempre relegada à margem, começa a se impor com obras de grande qualidade estética, nas quais questionamentos existenciais e posições ideológicas da contemporaneidade são representados de forma contundente. Nesse sentido, a literatura de autoria feminina no Brasil explode nos anos 70 e 80, trazendo consigo a representação das questões de gênero e o questionamento sobre a construção da identidade feminina em meio ao dilaceramento do mundo pós-moderno.

¹⁵Ver em Conceição Evaristo e suas contribuições como escritora e pesquisadora. Trabalho apresentado no I Congresso Nacional em Estudos Interdisciplinares da Linguagem (CONEIL), em setembro de 2020. Disponível em <http://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/72057>. Acesso em 25/06/2021.

Nesse contexto, as obras de Conceição Evaristo trazem como temática constante a situação de uma grande parcela de mulheres em nossa sociedade: pobres, negras e marginalizadas. É por isso que a autora fala sempre de sua escrevivência, pois suas personagens representam um universo de mulheres que podem ser encontradas no cotidiano das brasileiras. Através de uma escrita forte e denunciadora, livre de tabus, Evaristo emociona e denuncia esse perfil, muitas vezes marginalizados e vilipendiados, tão presente em nossa sociedade.

Note-se que essa literatura com cara e cor novas, destaca-se por sua ruptura com as normas estabelecidas por um cânone composto por homens, e a busca pelo fim dos estereótipos femininos, tanto de escrita de mulher, quanto sobre mulher. Utilizando aqui a representação dessa nova geração dos anos 1990 e 2000, encontra-se uma multiplicidade de perfis femininos com direito a expor suas vozes e seu lugar de fala. Em um recorte substancial da história da escrita de mulheres brasileiras, algumas reconhecidas e outras não tanto, citaremos os nomes de Cristiane Costa, e seu livro *Amor Sem Beijo* (1997), Maria José Silveira, com o livro *A Mãe da Mãe de Sua Mãe e Suas Filhas*, publicado em 2002, Ana Maria Gonçalves, com *Um Defeito de Cor*, de 2006, e Verônica Stigger, com *Contos de Mentira*, de 2010.

Em tempos atuais, o feminismo continua a levantar a bandeira do corpo da mulher, mas não é só isso que os feminismos – pois já não podemos utilizar o termo no singular diante das diversidades de pessoas a-staire-a-lo – buscam, eles lutam pelo fim de todas as opressões de gênero, pelo fim da violência e todo tipo de desigualdade. É por isso que essas obras, assim como os estudos acadêmicos, são, nos dias atuais, divididas em bandeiras sobre classe e raça e bandeiras gays, como veremos nos versos de Ana Cristina Cesar, de seu livro *A teus pés* (1986), e em Angélica Freitas, em *Um útero é do tamanho de punho*, de 2012.

3.2.1 A poesia feminino-feminista em Ana Cristina Cesar

Ana Cristina Cesar, Ana C. como é conhecida por outras autoras, se insere como escritora em plena terceira onda feminista no Brasil. Bastante atenta ao momento em relação à mulher, sobretudo à escrita de mulheres, atuou de forma diferenciada em seus livros.

Como nos esclarece Holanda (2021, p.10), Ana, de forma inovadora, “trouxe à cena a moça livre de maus costumes, a prostituta, a lésbica, a trepada, o orgasmo, o palavrão,

o protesto, a masturbação, a marginalidade”. Sem pudores, a poeta busca, através de seus poemas, ilustrar como o desejo de uma mulher pode ser livre e se manifestar da forma que ela bem o desejar e quando/se o desejar, e que não existem barreiras nem lugar que se configurem como apropriados para que elas possam expressar o que sentem. Essa é a marca registrada de Ana C. Vejamos o poema a seguir:

Sou linda; gostosa; quando no cinema você roça o ombro em mim aquece, escorre, já não sei mais quem desejo, que me assa viva, comendo coalhada ou atenta ao buço deles, cinema é escuro e a tela não importa, só o lado, o quente lateral, o mínimo pavio. A portadora deste sabe onde me encontro até de olhos fechados; falo pouco; encontre; esquina de Concentração com Difusão, lado esquerdo de quem vem, jornal na mão, discreta. (CESAR, 2016, p. 72).

Ana Cristina, ao longo de sua carreira como escritora, sempre se mostrou bastante rebelde e insatisfeita com o que se entendia por escrita de mulher. Rejeitava a valorização dada aos aspectos como delicadeza, sutileza, pudor e sentimentalismo. Tanto que muitos de seus poemas são compostos de divagação de pensamentos íntimos, isso sem nenhuma preocupação em ser indiscreta, ou mesmo sofrer julgamento sobre como seria uma escrita de mulher. Como ressalta Hollanda (2021, p. 11):

Ana C. não chegou a definir o que para ela seria uma poética de mulheres, mas sem dúvida perseguiu, determinada, uma estratégia da poesia de mulheres em busca de uma escrita livre das marcas da delicadeza e da sensibilidade, uma escrita suficientemente porosa que pudesse acolher os tais “temas de mulher”.

Com uma linguagem escancarada, pregava o avesso disso ao emergir em seus livros aspectos confessionais que ganhavam destaque na voz ao pé do ouvido, na proximidade e na confidência do eu lírico como se vê no poema “Conversa de senhoras”, em que trata de conversas banais entre mulheres, as quais ela observa e escuta. Vejamos o poema:

Conversa de senhoras

Não precisa nem casar
Tiro dele tudo o que preciso
Não saio mais daqui
Duvido muito
Esse assunto de mulher já terminou
O gato comeu e regalou-se
Ele dança que nem um realejo
Escritor não existe mais
Mas também não precisava virar deus
Tem alguém na casa
Você acha que ele aguenta?
Sr. Ternura está batendo
Eu não estava nem aí

Conchavando: eu faço a tréplica
 Armadilha: louca pra saber
 Ela é esquisita
 Também você mente demais
 Ele está me patrulhando
 Para quem você vendeu seu tempo?
 Não sei dizer: fiquei com o gauche
 Não tem a menor lógica
 Mas e o trampo?
 Ele está bonzinho
 Acho que é mentira
 Não começa
 (CESAR, 2013, p. 22)

Nos versos acima, vemos um poema em movimento que traz de forma irônica e provocativa discursos femininos e estereotipados da relação homem – mulher de acordo com uma visão machista. Esse estilo feminista-feminino adotado por Ana C. abre caminho para as poetisas das gerações seguintes. Muitas autoras falam sobre a sensação sentida por elas ao lerem Ana Cristina Cesar. Nessa ilustração, utilizaremos entrevistas realizadas por Heloisa Buarque de Hollanda (2012). De acordo com Heloisa, “podemos dizer, ainda que de forma meio arbitrária, que Ana foi o solo do que eu chamaria de jovem cânone da poesia de mulheres, a saber: Angélica Freitas, Marília Garcia, Alice Sant’Anna e Ana Martins Marques”. Para comprovar essa afirmação, a pesquisadora e escritora feminista destaca um pouco de sua entrevista com algumas dessas poetisas. Segundo Hollanda, das poetisas entrevistadas, ouviu-se:

Alice Sant’Anna (RIO DE JANEIRO, 1988): Ana C. foi a primeira poeta que li por vontade própria. Tinha alguma coisa muito misteriosa ali e ao mesmo tempo totalmente às claras.

Ana Martins Marques (BELO HORIZONTE, 1977): Comecei a ler Ana Cristina Cesar na adolescência, naquele pequeno volume rosa(vermelho?). Saí de cada leitura com a impressão de ter sido lançada numa intimidade estranha, que ao mesmo tempo me interpelava e me mantinha à distância.

Marília Garcia (RIO DE JANEIRO, 1979): O contato com A teus pés foi fundamental. Eu li o livro pela primeira vez com dezoito anos e me lembro da estranheza de tudo, de certo ar de mistério. Da combinação de coisas familiares, mas que escapavam do entendimento do leitor. (HOLLANDA, 2021, p. 11-20).

A última entrevista descrita é a de Angélica Freitas, poeta que vai se insurgir como ponto de inflexão na literatura de viés feminista em nosso país, promovendo uma dicção inovadora em relação à produção literária feita sob a égide feminista em nosso sistema literário. Sobre Ana Cristina Cesar, Angélica Freitas (PELOTAS, 1973 *apud* HOLLANDA, 2021, p. 20-21) diz:

Foi em 1988, eu tinha 15 anos e estava matriculada no curso de eletrônica de uma escola técnica de Pelotas. Um dia, um amigo me trouxe um livrinho vermelho de uma tal Ana Cristina Cesar, de quem eu nunca tinha ouvido falar. Levei o livro para casa, devorei-o rapidamente e quase não acreditava no que estava lendo. Lembro de achar esse livro muito diferente de tudo. Quando eu abri *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar, foi como se uma bomba caísse sobre mim. Mudou tudo. Minha maneira de ler e escrever poesia.

Como visto, Ana Cristina contribuiu para o surgimento de uma forma de ler e de escrever poesia, assim como de ler textos de e sobre mulher. Mesmo que algumas poetisas não se vejam influenciadas pela autora, como Freitas (*apud* HOLLANDA, 2021), que diz não conseguir ver em sua poesia a influência de Ana C., muitas afirmam que ela abriu seus olhos para outros registros possíveis de poesia. Desse modo, ao definir outros meios possíveis de se fazer/ler poesia, Freitas foi responsável por um legado de novas poetisas que não se fizeram de rogadas e assim como Ana, lançaram seu estilo inovador onde a voz silenciada de mulheres sobe à superfície e se mostra sem nenhum pudor, medo ou vergonha de ser quem são. Tomando as palavras de Hollanda (2021, p. 20), “Angélica é o elo entre a geração Ana C e a nova poesia feminista”. Sendo assim, nesse novo panorama que se subscreve de poetisas contemporâneas, temos em Angélica Freitas e seu *Um útero é do tamanho de um punho* (2012) um divisor de águas ainda mais transgressor que utiliza o corpo como força da mulher.

3.2.2 A poesia feminino-feminista de Angélica Freitas: onde tudo começou

Angélica Freitas, gaúcha, nascida em Pelotas, Rio Grande do Sul, iniciou sua carreira de jornalista ainda jovem, publicou em jornais e revistas, abandonando, porém, o jornalismo, para seguir carreira como escritora. Publicou seu primeiro livro *Rilke Shake*, em 2007. Ainda iniciando nas letras de forma oficial, a poeta trouxe na referida obra vários poemas que através de temas aleatórios retirados de cenas do cotidiano, desencadearam pequenas reflexões sobre coisas banais, mas também algumas relacionadas ao cânone literário e sua tradição. Vejamos o seguinte poema, retirado de *Rilke Shake*:

ai que bom seria ter um bigodinho
além das lentes dos óculos ficar
escondida por trás de uma taturana
capilar

um bigodinho para poder estar

um bigodinho para sair à rua e ver
o mundo mas se esconder

um bigodinho para poder ser

um apêndice nasobucal
buconasal

tipo um chapéu

ninguém te incomoda nos cafés
(a beleza está nos olhos

de quem não pode crer)

e no fim do dia ainda ouvir
obrigada senhor

ao entrar por último no elevador (FREITAS, 2007, p. 11).

Em Angélica, o humor e o sarcasmo se fazem presente através de uma linguagem sem preocupação normativa, apresentada de forma simples, porém não simplista. Assim, essa primeira obra vai se desenvolvendo em maneira de pequenos relatos descritos de forma leve que causa o riso, em alguns momentos, mas já trazem como pano de fundo as diferenças entre homens e mulheres. Quando diz que *ai que bom seria ter um bigodinho / ninguém te incomoda nos cafés*, autora reforça o assédio que as mulheres sofrem ao saírem de casa e o medo que muitas sentem de desfazê-lo. Isso é retomado em seu livro *Canções de atormentar*, lançado em 2019, o qual segue o estilo do primeiro e contempla ainda uma linha de memórias. Nesse livro, vemos uma Angélica que traz ao leitor um pouco de sua vivência enquanto mulher gaúcha, poeta e lésbica. Como o poema “laranja”, que narra um pouco de sua infância na casa de seus pais, a morte do padrasto, ou “as roupas vem da Ásia”, que aborda a repressão aos imigrantes, e “micro-ondas”, onde ela busca retratar o país. Assim, a poeta de forma ora irônica e debochada, ora crítica ou desiludida traz, acima de tudo, os percalços dos relacionamentos entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, e o cotidiano de ser poeta, sobretudo aqui no Brasil.

No entanto, o destaque aqui é o livro *Um útero é do tamanho de um punho*, publicado entre esses citados acima, em 2012. Em um tom mais feminista, as questões de gênero são o mote de todos os poemas. Nele, a temática do corpo da mulher configura-se como elemento de resistência. A dicotomia entre homens e mulheres servirá como exemplificação de pautas feministas e mostra as desigualdades e estereótipos do ser mulher em nossa sociedade. Sobre o livro, Holanda (2021, p. 21) esclarece que “*Um útero é do tamanho de um punho*, de Angélica Freitas, ao que tudo indica, parece ser o *A teus pés* da novíssima geração”.

A pesquisadora acrescenta que Angélica, ao ser questionada sobre o livro, diz que, antes de escrevê-lo, se perguntava como seria escrever sobre mulher de um jeito que desejava que se falassem, e por isto decidiu que precisava utilizar em seu texto o corpo feminino para dar forma aos seus poemas (FREITAS *apud* HOLLANDA, 2021). Como declara a autora, a poesia brasileira não a representava, já que poetas lésbicas não tinham voz e que ser vista como uma grande poeta, dentro das regras criadas por homens, não a interessava (FREITAS *apud* HOLLANDA, 2021).

Angélica queria ver até onde poderia ir a poesia, por isso prioriza uma abordagem sobre o corpo feminino diferente do que se via antes: como elemento causador de fraqueza e inferioridade da mulher, ou seja, o “sexo frágil”. De forma inovadora, a poeta traz à cena corpos que buscam liberdade de atuarem contra um cenário de restrição normativa sobre a mulher, reformulando um novo espaço para uma abordagem feminista na qual o corpo toma outra esfera e dimensão, torna-se o punho, a força das mulheres. E é essa forma de entender o corpo feminino que vai se tornar lugar-comum na poesia de autoras que vêm pós-Angélica.

4 UM ÚTERO, UM PUNHO: O CORPO COMO FORÇA DA MULHER, NA POESIA DE FREITAS

4.1 O útero e o punho: o discurso transgressor no poema-título

Angélica Freitas, poeta cuja produção se insere na contemporaneidade, apresenta em seu livro *Um útero é do tamanho de um punho*, 2012, poemas que têm como elemento norteador o corpo feminino e suas *identidades*. Em seu fazer poético, através de um tom irônico e sarcástico, aborda diversos temas que se apresentam na configuração do entendimento do ser mulher em nossa sociedade. A autora traz em seus versos elementos presentes no cotidiano de forma simples, porém não simplista, e através deles busca provocar no leitor reflexões acerca de paradigmas impostos ao universo feminino. Nos textos de Freitas, é possível perceber como a visão sobre a mulher ainda guarda traços de uma herança da tradição que reforça o lugar de inferioridade desta, além de evidenciar o quanto a cultura machista procura manter os estereótipos do que venha a ser feminino/masculino, homem/mulher.

Diante dessa abordagem feminista que trata da problemática das desigualdades entre gênero é que Angélica atua como um ponto de inflexão no pensamento feminista na literatura brasileira, pois, como ressaltam Alves e Pitanguy (1997, p. 72), “o feminismo se constrói a partir das resistências, derrotas e conquistas que compõem a história da mulher e se coloca como um movimento vivo, cujas lutas e estratégias estão em permanente processo de recriação”. Logo, tendo em vista as mudanças na escrita de/por mulheres, na atualidade, sobretudo no campo poético, torna-se necessário analisar a produção literária desenvolvida no Brasil de forma atenta, para que se reflita acerca das especificidades linguísticas desse grupo social no contexto brasileiro moderno. Para tanto, sob uma perspectiva de abordagem poética feminista que tem como categoria analítica as questões machistas, sexista e de gênero, é que analisaremos alguns poemas da referida obra de Angélica Freitas.

Para iniciar as análises aqui apresentadas, traremos uma parte do poema título do livro, *Um útero é do tamanho de um punho*. A escolha se deu em primeiro plano, porque o título remonta à estética feminista adotada por Angélica Freitas e vai ser o diferencial na produção poética de mulheres na atualidade. Nela, o corpo, que vai ser pano de fundo e o mote recorrente em quase todas as produções poéticas contemporâneas, se apresenta de forma a reverberar uma força feminina advinda do ser mulher, que, de forma direta, vai

disseminando um pensamento feminista de combate a qualquer forma de opressão sofrida por mulheres. Como ilustração dessa reflexão, vejamos o poema:

um útero é do tamanho de um punho
 num útero cabem cadeiras
 todos os médicos couberam num útero
 o que não é pouco

uma pessoa já coube num útero
 não cabe num punho
 quero dizer, cabe
 se a mão estiver aberta
 o que não implica gênero
 degeneração ou curiosidade

ter alguém na palma da mão
 conhecer como a palma da mão
 conhecer os dois, um sobre a outra

quem pode dizer que conhece alguém
 quem pode dizer que conhece a degeneração
 quem pode dizer que conhece a generosidade

só alguém que sentiu tudo isso
 no osso, o que é uma maneira de dizer
 a não ser que seja reumático
 ou o osso esteja exposto

im itiri i di timinhi di im pinhi
 im itiri i di timinhi di im pinhi

quem pode dizer tenho um útero
 (o médico) quem pode dizer que funciona (o médico)
 i midici
 o medo de que não funcione
 para que serve um útero quando não se fazem filhos
 (FREITAS, 2012, p. 59).

Para uma melhor compreensão do que diz o poema de Angélica, escolhemos dividi-lo em partes. Na primeira, que corresponde aos quatro primeiros versos, há uma apresentação sobre o útero, que é descrito como algo absurdo, “num útero cabem cadeiras”, como também elemento de superioridade, “todos os médicos couberam num útero / o que não é pouco”. Estamos diante de um jogo da poeta em desmistificar a condição reprodutiva e também a importância da ciência, na figura do médico, que veio desse útero. Parafraseando Beauvoir (1949), não é a biologia que define a mulher, mas sim uma construção social na qual ela está inserida.

A forma verbal “couberam”, que é comum tanto ao pretérito perfeito, quanto ao mais-que-perfeito, mostra que essa ação está acabada, ou seja, de forma simbólica representa

um passado da sexualidade das mulheres, explicado por eles (médicos), não somente um, mas “todos”.

Ainda nesse tom de oralidade, como se contasse uma história, no caso tendo como personagem o útero, a poeta, dos versos quinto até o sétimo, em vez do médico, fala de uma pessoa, “uma pessoa já coube num útero / não cabe num punho / quero dizer, cabe / se a mão estiver aberta”. Ao fazer a troca do médico por pessoa, a poeta o coloca como um ser comum. Com a troca de “couberam” (passado) por “cabe” (presente), ela destaca as mudanças históricas desse seguimento.

Em seguida, ela compara o útero com um punho, ou seja, se ele estiver fechado, tem a força de um punho (soco), mas, se estiver aberto, e é aí a pegada dessa parte, ele se torna a palma da mão. A simbologia de alguém na palma da mão é a de que uma pessoa tem controle sobre outra. Desse modo, ela esboça que o útero tem poder, seja fechado como força, ou aberto como controle. E para fechar esse mote, o poema já começa a sugerir uma separação entre mulher e útero, “o que não implica gênero”, e apresenta a digressão dessa mulher, “degeneração ou curiosidade”. Nesse ponto, não mais o útero é o centro, toma-se aí as questões de gênero. Como diz Butler (2019, 229),

os gêneros não são passivelmente inscritos nos corpos e nem são determinados pela natureza, pela língua, pelo simbólico ou pela esmagadora história do patriarcado. Gênero é aquilo que colocamos, invariavelmente, sob controle, diária e incessantemente, com ansiedade e prazer.

Para destacar esse controle citado por Butler nas questões de gênero, a terceira parte se constrói a partir dessa reflexão e trata sobre domínio, sobre relacionamentos. Partindo do questionamento: será que alguém tem realmente controle sobre outra pessoa? “alguém na palma da mão”, ou sabe o que se passa em seu íntimo? “conhecer como a palma da mão”, ou mesmo o fato de estar juntos, “conhecer os dois, um sobre a outra”, faz com que saibam tudo uma da outra? Esses questionamentos são externados na parte seguinte composta por um mote que se divide em três versos, seguidos de mais três. Para exemplificar melhor, utilizaremos o recurso visual da primeira parte. Vejamos o que dizem os versos:

quem pode dizer que conhece alguém
quem pode dizer que conhece a degeneração
quem pode dizer que conhece a generosidade

Neles, temos uma sequência paralelística composta por cinco palavras a qual se inicia com o pronome indefinido “quem”, que por si só indica algo sem definição, sem corpo. Essa subjetividade da falta corporal de um indivíduo é acentuada no campo visual e sonoro pelo paralelismo de “pode dizer que” em forma de pergunta/resposta, pois os questionamentos são realizados sem ponto de interrogação, o que pressupõe não pretender uma resposta, ele responde a si mesmo. Mas, mesmo não necessitando de uma resposta, a estrofe seguinte, de forma irônica e humorada, ressalta: “só quem pode dizer algo sobre as decisões de uma pessoa é ela mesma”, como exemplificado no dito popular “só alguém que sentiu tudo isso / no osso, o que é uma maneira de dizer”. Construída dessa forma, essa parte rebate os preconceitos da sociedade, mas suaviza a reflexão em tom de brincadeira no final, explicado de forma em tom de riso, “a não ser que seja reumático / ou o osso esteja exposto”. Nesse mesmo tom de riso, infantil até, repete o tema chefe do título/poema, porém “na língua do i”:

im itiri i di timinhi di im pinhi
im itiri i di timinhi di im pinhi

Angélica, conclui o poema chamando a atenção novamente sobre a questão do direito de fala sobre sexualidade, gestação, aborto. Quem tem o poder de decidir? Notemos que a estrofe se inicia com o questionamento sobre o útero, “quem pode dizer tenho um útero” e, de forma irônica, o segundo verso abre e fecha do mesmo jeito: “(o médico) quem pode dizer que funciona (o médico)”. Como se tem conhecimento, dentro das regras de escrita da língua portuguesa, os parênteses geralmente são utilizados para introduzir uma informação considerada acessória no texto, ou seja, não é de importância fundamental, apenas acrescenta algo ao já dito. Ao colocar “o médico” entre parênteses, e fazê-lo duas vezes, a poeta evoca a ideia que esse profissional representa (ciência) e a trata como uma entidade masculina (note-se a presença do artigo masculino), sugerindo como os homens decidem ou mesmo definem o que é uma mulher, ou o que ela deve fazer com seu útero. Dessa forma, até brinca com a referência “i midici” e destaca todos os tabus em torno da reprodução feminina, se as mulheres devem gerar filhos ou não, quando os gerar, quando interromper a gestação (aborto) e também “o medo de que não funcione / para que serve um útero quando não se fazem filhos”. Ou seja, são muitos os questionamentos em torno do corpo da mulher, mas, em geral, esses questionamentos se voltam para a reprodução, para a maternidade.

Sobre essa temática, Beauvoir (2016, p. 279) destaca que “é pela maternidade que a mulher realiza integralmente seu destino fisiológico; é a maternidade sua vocação ‘natural’

porquanto todo o seu organismo se acha voltado para a perpetuação da espécie”. Logo, ao ser vista como “destino natural, dom, vocação”, a maternidade é a mistificação que mais fortalece a construção do ser mulher na sociedade patriarcal e, desse modo, estruturada com correntes duras de romper, pois desencadeia questionamentos íntimos e morais em uma mulher, independente de classe ou raça.

Portanto, a leitura do poema em sua totalidade corresponde a todas as temáticas que se seguirão neste trabalho. Angélica, com seu *Um útero é do tamanho de um punho*, simboliza o corpo (útero) e suas implicações no ser mulher em uma sociedade machista, repleta de estereótipos. Além disso, temos também a simbologia do punho que representa a força, a resistência das mulheres. Assim, a autora constrói um livro que com um tom de oralidade que aborda o ontem e o agora de uma vivência de mulheres que foram construídas a partir de mitos culturais acerca do que uma “mulher”.

4.2 Dicotomias de estereótipos como julgamento de moral

Angélica, na seção de seu livro intitulada “uma mulher limpa”, utiliza uma dicotomia¹⁶ que é ilustrada através de palavras que, aparentemente, não teriam sentidos contrários, como “boa/suja” e “limpa/má”. Esse recurso é novamente uma forma encontrada pela poeta de criticar conceitos sobre julgamento de caráter e moral tendo como princípio aspectos físicos ou comportamentais que destoam dos padrões estabelecidos pela sociedade. Para essa reflexão partimos para análise da seguinte estrofe:

porque uma mulher boa
é uma mulher limpa
e se ela é uma mulher limpa
ela é uma mulher boa
(FREITAS, 2017, p. 11).

Aqui, a mulher boa é representada pela mulher limpa, a qual se contrapõe à mulher suja, que, mesmo não aparecendo nos versos de forma explícita, está presente em contraponto da afirmação feita e, portanto, representa a mulher má, sem caráter, que não é digna de apreciação.

¹⁶ De origem grega, a palavra *dikhotomía*, ou seja, *dicotomia*, indica uma classificação que é fundamentada em uma separação entre dois elementos, a divisão destes em duas partes, em geral, contrárias, como a noite e o dia, o bem e o mal, o preto e o branco, o céu e o inferno, entre outras. Dicionário *online*. Disponível em <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em 19 de setembro de 2019.

“Limpeza” *versus* “sujeira”. Essa dicotomia é usada pela autora como jogo poético para abordar o julgamento de moral direcionado à mulher, tomando como base padrões pré-estabelecidos de comportamento, nos quais é comparado aquilo que é *limpo*, no sentido de “puro”, de condição “imaculada”, sem mancha, e aquilo que é *sujo*, que adultera ou corrompe, da mulher *suja/má*¹⁷. Essas palavras não servem apenas para descrever a limpeza física, mas, na maioria das vezes, representa uma pureza moral ou espiritual pela higiene/conduita. Não é nenhuma novidade, portanto, que os julgamentos de moral estejam atrelados a algo espiritual quando se faz referência a comportamentos femininos; desde os tempos mais remotos se dividiu as mulheres em santas ou pecadoras, em Maria Santíssima, ou Eva. Esse juízo de valor fica implícito na colocação do “porque” no início do verso, dando a entender que a explicação que se segue é consequência de um questionamento invisível, mas sem precedentes, pois já foi ratificado por uma naturalização unânime dos conceitos moralistas presentes na sociedade.

Seguindo ainda a sequência de comparações dicotômicas que classificam o ser mulher através de definições de suas condutas, sejam elas de higiene ou de comportamento – ambas relacionadas a uma moral cristã ocidental – a autora nos apresenta os seguintes versos:

há milhões, milhões de anos
 pôs-se sobre duas patas
 a mulher era braba e suja
 braba e suja e ladrava
 porque uma mulher braba
 não é uma mulher boa
 e uma mulher boa
 é uma mulher limpa. (FREITAS, 2017, p. 11).

Na busca por uma dicção que dê conta do machismo direcionado às mulheres na comparação do comportamento desta com atos animais, Angélica inicia o poema como se estivesse contando uma história que se passou há muito tempo e que se tratava de um animal (há milhões, milhões de anos / pôs-se sobre duas patas) e no verso seguinte, como se cortasse o que estava contando, fala em tom confessional (a mulher era brava e suja) deixando para o leitor a ação de compreender não estar falando de um bicho, mas de uma mulher que apresenta características animais.

¹⁷Frequentemente, nos textos bíblicos a limpeza (pureza) física e cerimonial coincidem. O verbo hebraico *ta·hér* (ser limpo) usualmente refere-se à pureza cerimonial ou moral. Um sinônimo hebraico de *ta·hér* é *ba·rár*, o qual, nas suas diversas formas, significa “eliminar; manter limpo; mostrar-se limpo; fazer limpeza. A palavra grega *ka·tha·rós*, que significa “limpo; puro”, é usada em sentido físico, moral e religioso.

Através de pares de adjetivos caracterizadores dessa mulher, estabelece a distinção entre uma mulher *braba/suja* que ladrava e uma mulher *limpa/boa*. Repare que novamente a autora traz à cena a dicotomia suja/limpa a qual remete a um julgamento de caráter, já que os sinônimos de limpo são: imaculado, lavado, límpido, nítido, purgado; enquanto sujo representa todo o oposto a essas definições, ou seja, imundo, sórdido, porcalhão; cheio de sujidades, que em seu sentido figurado: aquele(a) que não se pode confiar; desmoralizado, incorreto¹⁸.

Logo, as diferenças/contradições entre essas mulheres fazem com que o jogo continue, mas com uma intenção clara de mostrar que o que se espera de uma mulher é que ela seja calada, que não tenha comportamentos “animalescos”. Toda essa representação metafórica da mulher serve para diminuí-la enquanto pessoa, já que ela “ladrava”, ou seja, nesse verso ela sai do seu *status* de humana e passa a ser uma fêmea com características de uma cadela, já que ladrava e tinha patas. Segundo Beauvoir (2016, p. 31),

o termo fêmea é pejorativo não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo.[...] Assim, inerte, impaciente, matreira, estúpida, incessível, lúbrica feroz, humilhada, o homem projeta na mulher todas as fêmeas ao mesmo tempo.

Desse modo, por projetar nas mulheres todas as fêmeas que produzam juízo de valor, como cobra, vaca, cadela, gata, galinha, entre outras, o homem reduz sua condição de pessoa humana e a caracteriza de acordo com o que entende ser o seu comportamento, se bom ou ruim. Daí a satirização de Freitas através dessa metáfora, que ressalta de forma eloquente essa prática tão comum em nossa sociedade, pois, como comenta Fiorin (2014), a metáfora é uma concentração semântica que dá sentido a uma ideia abstrata, estabelecendo uma compatibilidade entre os dois sentidos, ou seja, cria a existência de traços comuns a ambos. Dessa forma, a escolha pelo uso de adjetivos contrários, mas descrito metaforicamente como semelhantes, estão a serviço de causar no leitor certo estranhamento nesse jogo de oposição onde o que se instaura é a comparação de bondade/mansidão *versus* maldade/brabura. Isto é, em como é interpretado o comportamento daquela que se subordina aos ditames do discurso patriarcal e aquela que demonstra uma autonomia em potencial, recusando o papel histórico-cultural que lhe foi imposto. Para concluir a mensagem dessa visão arcaica de como uma mulher/fêmea deve ser, a autora traz em sua última estrofe a seguinte reflexão:

¹⁸ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acessado em 11 de janeiro de 2021.

há milhões, milhões de anos
 pôs-se sobre duas patas
 não ladra mais, é mansa
 é mansa e boa e limpa
 (FREITAS, 2017, p. 11).

No poema, ao iniciar, novamente fazendo alusão ao tempo, procura evidenciar que esse arquétipo de mulher é algo bem antigo, isso é demonstrado de forma sutil no verso “há milhões, milhões de anos”.

No entanto, temos o registro de que essa visão sobre a mulher vem passando por gerações, e que sofreu mudanças de comportamento, uma espécie de adestramento, pois a poeta gaúcha finaliza seu poema tratando a mulher como um “animalzinho” que “não ladra mais, é mansa”.

É interessante notar como o tom utilizado inicialmente, que foi mais ríspido, mais grave, expresso nos vocábulos *brava/suja/ladrava*, foi sendo suavizado: “é mansa/boa/limpa”. Assim temos adjetivos que sinalizam um modelo desejado/esperado para a mulher sob a ótica da feminilidade. Ao fazer isso, Angélica retrata como uma mulher que foi sendo “domesticada” até se tornar “boa”, e isso mais uma vez nos lembra o tratamento dado aos animais, o da domesticação, do treinamento.

Na busca por características que enquadrem a mulher dentro de uma modelo de feminilidade, o fator existencial fica comprometido. Nega-se a esse ser o direito de liberdade de escolhas e de comportamentos. Como nos diz Friedan (1971, p. 72),

as mulheres precisaram provar que eram humanas e não um espelho vazio, uma decoração inútil, um animal sem inteligência, um objeto a ser usado”. Tudo isso antes de lutarem por direitos de igualdade com o homem, como o fazem há tanto tempo.

Portanto, quando essas poetisas inovadoras como Angélica e sua geração posterior abordam de forma escrachada uma forma de ser mulher diferente do esperado pela sociedade normativa, estão atuando no desmanche desses estereótipos e abrindo espaço para que o sujeito feminino não seja decifrado, muito menos conceituado e julgado pelo seu modo de ser/agir.

Seguindo ainda o elemento dicotômico como crítica da distinção entre modelos de mulher, a autora permanece com os pares dicotômicos “suja/limpa”, só que comparados com os “sóbria/ébria”. Na estrofe a seguir, analisaremos como essas comparações se estruturam dentro do contexto de padronização do ser mulher. Vejamos os seguintes versos:

uma mulher sóbria
 é uma mulher limpa
 uma mulher ébria
 é uma mulher suja.
 (FREITAS, 2017, p. 13).

Nessa estrofe, através do uso de epífora¹⁹, a autora reforça a comparação de forma metafórica e repetitiva entre uma mulher limpa e sóbria em contraposição a uma ébria e suja. Note que o encadeamento dos adjetivos através de uma estrutura paralelística tem a função no poema de ressaltar a simetria existente entre os significados dessas construções, ou seja, da semelhança de sentido que os adjetivos escolhidos têm. Assim, o poema vai delineando o perfil da mulher que faz uso de bebida alcoólica — prática considerada, “por direito”, dos homens —, a mulher suja, cujos valores são impostos por uma sociedade machista, que dita que uma mulher que bebe não é uma mulher limpa, portanto não é boa, de valores positivos, confiável, já a mulher que não bebe é considerada “limpa”, honesta e boa. Note-se a semelhança de efeito de sentido que esses adjetivos, através do uso de casamentos de vocábulos para designar uma moral baseada em padrões machistas e de julgamento cerceador de direitos e igualdade entre gêneros, assumem no poema (e na sociedade).

Na estrofe seguinte, como nas anteriormente analisadas, Angélica faz uso da metaforização da mulher só que nesse poema a dicotomia suja/ébria vai vir a serviço, mais uma vez, da animalização dessa mulher, no caso, um suíno. Como nos mostra a estrofe:

dos animais deste mundo
 com unhas ou sem unhas
 é da mulher ébria e suja
 que tudo se aproveita
 as orelhas o focinho
 a barriga os joelhos
 até o rabo em parafuso
 os mindinhos os artelhos
 (FREITAS, 2017, p. 13).

Nos versos acima, as comparações têm um tom mais provocativo e denunciador, pois atribuem características de um suíno a uma mulher pelo fato de ela beber, e destacam o quanto uma mulher bêbada é vista como objeto sem valor, como descrito no poema, “da mulher ébria e suja”, assim como o suíno, tudo se aproveita. Isso é demonstrado, sobretudo, pela aproximação que se dá de forma contundente, na aproximação da estrutura dos versos que segue uma correspondência com os elementos do corpo: as partes superiores (as orelhas o

¹⁹ Do grego *apíphorá*, que quer dizer “conclusão”, “frase ou proposição final”, significa “retorno”. VER Fiorin, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

focinho), o tronco (barriga) e os membros inferiores (“os joelhos / até o rabo em parafuso/ os mindinhos os artelhos”). Aliás, a escolha deste mamífero é especialmente relevante por aludir ao imaginário popular que vê no porco o signo da imundície, seja ela física ou moral, e que tudo pode ser aproveitado, “no suíno e na mulher ébria”.

Dessa forma, o julgamento de comportamentos como legitimação de atos violentos contra um ser humano, seja ele ébrio ou sóbrio, demonstra uma denúncia na seriedade temática, a de que à mulher não cabe o direito de beber, quanto mais em público, pois isso pode trazer-lhe consequências desagradáveis, como serem vítimas de violências e abusos. Em seu livro *Mulheres públicas*, Michelle Perrot nos diz que:

a mulher pública, ou seja, aquela que está em lugares públicos fazendo algo que é de direito do homem, como **ingerir bebidas alcóolicas**, constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria. (PERROT, 1997, p. 07, grifo nosso).

Desse modo, a autora evidencia que certos terrenos são de menos acesso que outros para a mulher; a vida pública, como frequentar bares, andar de ônibus, ou mesmo nas ruas à noite, com certeza, ainda representa um risco para as mulheres. Como destaca Perrot:

entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de *staire* -las ou de *staire* -las. As frentes de luta das mulheres, suas tentativas de atravessarem os limites, muitas vezes provocam a violenta reação dos homens. (PERROT, 1997, p. 07).

Ou seja, romper com a delimitação de um espaço que se diz masculino, provoca uma resposta violenta como forma de conter essa abertura. Assim, as fronteiras que limitam a vida das mulheres, atribuindo-lhes mais um destino que uma escolha, move-se muito vagarosamente, o que sobressai aos olhos que a luta por direitos deve continuar, pois o lugar da mulher no espaço público sempre foi e é problemático.

Nesse contexto é que muitas poetisas na atualidade se servem da temática da violência, do assédio e dos estupros em suas composições. Isso como forma de desenvolver e denunciar essas práticas de abuso, de forma a destacar que elas estão cientes do que está acontecendo e que pretendem lutar contra essas formas de violência.

Sobre essa “ordem abstrata”, é necessário destacar que as mulheres sofrem julgamento do olhar feminino também, não somente do masculino. Como nos diz Beauvoir (2016), as mulheres sabem que o código masculino não é o seu e, para tanto, precisam da

ajuda de outras mulheres para criarem uma espécie de lei de seu meio, um código moral propriamente feminino. Destaque-se que não é por maldade que algumas mulheres julgam e criticam outras mulheres, mas para se orientarem e ratificarem um modo de existir nesse mundo que faça sentido ao que se espera delas, já que precisam de muito mais limites morais do que os homens.

Angélica, com seu jogo semântico e até certo tom de riso, consegue abranger uma temática muito séria como a do estupro. Uma violência recorrente entre as mulheres. Ressalte-se o quanto alguns homens e também mulheres atribuem esse tipo de ação criminosa ao fato de a mulher “pedir para ser estuprada” por aceitar bebida de algum homem. Isso enfatizando que a mulher ébria não tem valor e tudo nela pode ser utilizado, como e quando alguém (homem/homens) quiser (em).

Outrossim, um poema aparentemente inofensivo traz em seu *corpus* uma mensagem de alerta, de denúncia da violência de gênero, do abuso de um ser sobre o outro, que é alimentada pela perpetuação do machismo, que, como diz Bel Hooks (2019) representa a soberania de um ser que se acha superior ao outro e que precisa, de alguma forma, ser demonstrada, nem que seja pelo uso da violência.

Outro poema que ilustra bem a temática do estupro e dessa soberania sentida pelos homens em relação às mulheres está descrita no poema “Mulher de Vermelho”. Vejamos o que nos diz o referido poema:

Mulher de Vermelho

O que será que ela quer
 essa mulher de vermelho
 alguma coisa ela quer
 pra ter posto esse vestido
 não pode ser apenas
 uma escolha casual
 podia ser um amarelo

verde ou talvez azul
 mas ela escolheu vermelho
 ela sabe o que ela quer
 e ela escolheu vestido
 e ela é uma mulher
 então com base nesses fatos
 eu já posso afirmar que conheço o seu desejo
 caro stair, elementar:
 o que ela quer sou euzinho
 sou euzinho o que ela quer
 só pode ser euzinho

o que mais podia ser
(FREITAS, 2012, p.31)

Nesse poema, temos um arremate dos temas trazidos no jogo dicotômico, que empareda os comportamentos femininos e justifica as ações masculinas diante deles, entretanto, neste caso, traz a fala do eu lírico que analisa uma mulher, o modo como ela se veste e daí tira suas conclusões que justificam um possível assédio, ou estupro.

O eu lírico inicia o poema questionando o que a mulher quer, pois vestiu um vestido vermelho, que, na opinião dele, define um consentimento para uma investida, a busca por um homem. Nos versos “alguma coisa ela quer” / “pra ter posto esse vestido”, ele interpreta a ação dela de colocar um vestido vermelho e ainda justifica tal entendimento; já que “não pode ser apenas uma escolha casual / podia ser um amarelo / verde ou talvez azul / mas ela escolheu vermelho / ela sabe o que ela quer”.

O vermelho é uma cor quente que simboliza paixão, energia e excitação e está associada ao poder e à guerra, mas também representa o perigo e a violência. Além desses significados, na religião, ela pode representar a cor da carne, do pecado, do diabo, da tentação²⁰. Desse modo, a escolha da cor simboliza no poema os riscos que essa mulher está correndo de ser violentada porque não quis ser discreta, como o eu lírico fala, “ela é mulher”, motivo suficiente para definir exatamente o que ela quer ao usar vermelho, ainda mais “vestido”. Ou seja, ela podia seguir os padrões e se fazer discreta, usar “amarelo, verde ou azul”, mas não vermelho. Não chamar a atenção para si. E se ela fez isso, “ela sabe o que quer”, “euzinho”. Desse modo, essa mulher rompeu um limite estabelecido pela sociedade machista, que a pune por não seguir os padrões estabelecidos para ela. Justificando desse modo, ações de abuso, assédio e até estupros. Assim, Angélica como característica recorrente escreve de forma simples sobre o assédio sexual sofrido por mulheres.

Ainda na esteira de estereótipos, o texto a seguir faz alusão à mulher bêbada e gorda. Vejamos o poema:

uma mulher gorda
incomoda muita gente
uma mulher gorda e bêbada
incomoda muito mais

²⁰ Disponível em <https://www.significados.com.br/cor-vermelha/>. Acessado em 29/06/2021.

uma mulher gorda
 é uma mulher suja
 uma mulher suja
 incomoda incomoda
 muito mais

uma mulher limpa
 rápido
 uma mulher limpa. (FREITAS, 2012, p. 16)

O poema, composto por três estrofes de versos livres, apresentando rimas somente no quarto e nono versos (“muito mais”), utiliza a sonoridade de uma cantiga folclórica: a música do elefantinho. Isso para alegorizar a figura da mulher gorda²¹, ou seja, além da musicalidade há um jogo metafórico do símbolo do elefante à mulher gorda. Essa comparação serve para representar a fisicalidade do corpo-mulher e das características que dele são esperadas. Ao ser relacionado o termo gorda com elefante, novamente temos uma animalidade no estereótipo da mulher que não se enquadra dentro de um padrão, nesse caso, o da beleza. Assim como na música infantil, o poema destaca o quanto as características dessa mulher representadas nos adjetivos gorda e ébria a definem como suja. Note que há um ritmo crescendo nos poemas dessa seção, aqui já são três características atribuídas à mulher, ela é gorda/bêbada/suja/.

Os termos “mulher boa”, “mulher limpa”, “mulher gorda”, “mulher sóbria”, “mulher ébria”, que aparecem ao longo dos poemas, sempre precedidos do artigo indefinido “uma”, cristalizam perfis genéricos na medida em que demonstram como todos eles são apenas índices de duas regras primordiais: obediência e beleza. Na sequência do livro de Freitas, temos uma mulher gorda que se apresenta como alguém que está fora dos padrões desejados pela sociedade e que isso incomoda. Incomoda não somente aos homens, mas, sobretudo, às próprias mulheres.

Sobre a valorização de modelos de beleza vista na sociedade, Beauvoir (2016, p. 221) destaca que “o ideal de beleza feminina é variável; mas certas exigências permanecem constantes. E mesmo nas civilizações de uma sensualidade mais sutil, em que intervêm noções de forma e harmonia, os seios e as nádegas constituem objetos privilegiados”. Desse modo, mesmo quando o homem vê na mulher apenas uma fêmea, ele não se contenta em encontrar na parceira apenas os órgãos sexuais como complementares aos seus. Ele deseja a

21 Nota-se que aqui mais uma vez a autora se utiliza das definições de Beauvoir que diz que os homens projetam nas mulheres fêmeas.

beleza, que em sua significação representa caráter do ser ou coisa que desperta sentimento de êxtase, admiração ou prazer através dos sentidos²².

Logo, o mito da beleza (aspecto ainda muito valorizado do feminino) ainda é uma pressão social contundente, assim como os tabus que foram previamente constituídos ainda se tornam uma prisão para as mulheres. E elas estão sob jugo desde seu nascimento, com o dever de se enquadrar nos padrões desejados para, assim, serem aceitas em uma sociedade machista.

4.3 O mito da beleza em “uma beleza insana”

A representação figurativa da mulher em nosso país, quando colocada em evidência, sempre foi feita a partir do olhar masculino. Isso vem sendo reproduzido de forma contundente e eficaz por décadas. A utilização de mitos que circundam estereótipos de modelos de mulher como se esta fosse dissociada de um contexto social ou mesmo de uma existência humana individual dotada de sentimentos, pensamentos e desejos individuais. Isso se tornou o projeto de base que sustenta uma sociedade capitalista e machista até os dias atuais, resultando em muitas mulheres silenciadas socialmente ou, quando muito, com um discurso enquadrado dentro de um padrão comportamental ditados por homens. Contrapondo-se a isso de forma denunciadora e, ao mesmo tempo, debochada, a poesia de Angélica tenta desmistificar estereótipos femininos destacando também a construção do ser mulher ainda nos dias atuais.

Novamente Angélica recorre a temática da beleza para destacar os estereótipos ditados pela sociedade e suas implicações na vida das mulheres. Para abordar sobre o referido tema, a poeta direciona o olhar para a objetificação da mulher em consequência da aparência. Vejamos o que nos diz o seguinte poema:

uma mulher insanamente bonita

um dia vai ganhar um automóvel
com certeza vai
ganhar um automóvel

e muitas flores
quantas forem necessárias
mais que as feias, as doentes
e as secretárias juntas

²² Dicionário online. Disponível em <https://www.dicio.com.br/beleza/>. Acessado em 28 de maio de 2021.

já uma mulher estranhamente bonita
 pode ganhar flores
 e também pode ganhar um automóvel

mas um dia vai
 com certeza vai
 precisar stai-lo. (FREITAS, 2012, p. 18).

Angélica desenvolve nesses versos um pequeno panorama das sublimações da lógica machista sobre *o mito da beleza, o dever de ser bela*, os quais as mulheres são submetidas diariamente.

A exaltação da beleza feminina vai ganhando no poema uma conotação empenhada em consolidar uma espécie de moeda de troca social, na qual a aparência feminina surge como característica necessária para que esta mereça o respeito dos homens e de outras mulheres também. Desse modo, essas mulheres, por atenderem ao padrão social aceitável/desejável, têm ganhos materiais advindos desse *ser bela*, ou melhor, fazer-se bela continuamente. Como ressalta Naomi Wolf (2019, p. 17): “as qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável”. Destaca-se aí que essa beleza valorizada pela sociedade pode mudar, variando de culturas.

Dentro desse formato, essa mulher bela representa uma minoria de mulheres, e apresenta um padrão: magra, loira e jovem. A obsessão em julgar mulheres de todas as idades com base na aparência é muito latente, como aponta Naomi Wolf (2019), a mídia atua continuamente no reforço de que o valor da mulher está em sua imagem. Para tanto, como ressalta Hooks (2019, p. 61): “A mídia de massa em filmes, na televisão e em anúncios públicos, promove a imagem de mulheres magrelas, de cabelos pintados de loiro e com aparência de quem mataria por uma bela refeição como se fosse a norma”.

Não é à toa que o título do poema traz uma mulher que é “insanamente bonita”. Angélica antecipa uma crítica aos estereótipos estabelecidos por essa mídia de massa. Isso é visto através da escolha do adjetivo “insana, transformado em advérbio (“insanamente”), o qual mostra uma ação frenética de uma mulher que busca a beleza.

No entanto, seguindo com a análise, observou-se a ilustração dos *lucros* que a beleza acarreta à mulher, descritas nos seguintes versos: “uma mulher insanamente bonita / um dia vai ganhar um automóvel”. Assim se registram as vantagens materiais que a aparência pode trazer à mulher. Note-se, no entanto, que essa compensação em ser bela reforça, de certo

modo, uma objetificação desse universo feminino e a dominação do sexo oposto, pois torna plausível admitir que, como nos diz Wolf (2019, p. 15), “a beleza é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro”, ou seja, é passível de ser comprada/vendida.

Logo, para essa mulher que é “insanamente bonita” fica a profetização de um futuro promissor, tendo como materialização disso a certeza de que “um dia irá ganhar um carro”. Essa bonificação, no entanto – que recai sobre o fato de ela possuir outro bem desejado–(a beleza) vem antecedida da palavra “insanamente” como forma de evidenciar a dificuldade de se conseguir esse modelo idealizado e os sacrifícios que o universo feminino pratica para alcançá-lo.

Ressalte-se que os versos “ganhar um automóvel” e “ganhar flores demonstram a passividade da mulher em receber prêmios, bens materiais adquiridos não por esforço do trabalho, nos quais use de sua inteligência e conhecimento. Como reforça Beauvoir (2016, p. 190): “o corpo da mulher é um objeto que se compra; para ela, representa um capital que ela é autorizada a explorar”. Destaque-se, no entanto, que as “premiações” que são concebidas pelo *corpo/beleza*, ou seja, que advêm de atributos físicos, são descritos no poema como forma de satirizar essa objetificação do corpo da mulher presente em nossa sociedade. Para tanto, a segunda estrofe faz uma comparação irônica quando diz que a mulher bonita vai ganhar muitas flores, “quantas forem necessárias, / mais que as feias, / as doentes / e as secretárias juntas”. A ironia está presente na divisão entre bonitas, feias, doentes e secretárias.

A poeta, com um tom um pouco debochado, conclui seu poema reforçando o grande medo dessas mulheres, que é o de perder a beleza e a juventude. Assim, para mostrar o quanto essa ideologia da beleza tem prazo, a última estrofe ressalta que essa mulher vai precisar vender o carro, vejamos os versos: “mas um dia vai/com certeza vai / precisar stailo”. O verso inicia com a adversativa “mas”, como arremate de tudo o que foi dito sobre as vantagens de ser bonita. Por isso, o “insanamente” é tão bem colocado antes do adjetivo “bonita”, pois simboliza uma realização que não é sadia, que é comercializável e que um dia terá fim, pois, quando a beleza acaba, os bens também se vão. E isso não é uma hipótese, a poeta apresenta como uma certeza: “com certeza vai precisar vender o carro”.

Ressalte-se que a temática abordada nos versos de Angélica representa um grande número de mulheres, desde as muito jovens às mais velhas. Muitas ainda passam fome para serem magras. A anorexia se tornou lugar-comum, como assunto em livros, filmes etc. A imagem que a mídia passa de beleza é doentia e perversa, por isso, “insana”. Mesmo assim, a

questão da estética é um dos pontos mais difíceis de libertar as mulheres.

No tópico seguinte, iremos analisar, dentro desse contexto interpretativo do universo feminino, outro poema que retrata os anseios da mulher.

4.4 Universo feminino: o que querem as mulheres

Em Angélica, as aspirações femininas são mais evidentes e atuais em suas características fundamentais do ser/existir como ser humano (mulher/homem). Ou seja, a mulher fala sobre seus anseios e desejos abertamente, os quais não são compreendidos dentro de uma distinção de gênero, mas de ser humano, no qual esse querer pode ser igual ao de um homem, heterossexual ou homossexual, e assim por diante, respeitando todas as diversidades. No poema “a mulher quer”, retirado da seção *3 poemas retirados do google*, vemos uma forma irônica de demonstrar como é absurda essa construção que retira a individualidade do ser mulher, tornando-a uma categoria coletiva, passível de ser descrita em suas singularidades através de concepções enraizadas na sociedade. Para refletirmos melhor sobre essa abordagem, vejamos então o que a poeta diz em seu poema “A mulher quer”:

a mulher quer ser amada
 a mulher quer um cara rico
 a mulher quer conquistar um homem
 a mulher quer um homem
 a mulher quer sexo
 a mulher quer tanto sexo quanto o homem
 a mulher quer que a preparação para o sexo aconteça lentamente
 a mulher quer ser possuída
 a mulher quer um macho que a lidere
 a mulher quer casar
 a mulher quer que o marido seja seu companheiro
 a mulher quer um cavalheiro que cuide dela
 a mulher quer amar os filhos, o homem e o lar
 a mulher quer conversar pra discutir a relação
 a mulher quer conversa e o botafogo quer ganhar do flamengo
 a mulher quer apenas que você escute
 a mulher quer algo mais do que isso, quer amor, carinho
 a mulher quer segurança
 a mulher quer mexer no seu e-mail
 a mulher quer ter estabilidade
 a mulher quer stair
 a mulher quer ter um cartão de crédito
 a mulher quer tudo
 a mulher quer ser valorizada e respeitada
 a mulher quer se separar
 a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais
 a mulher quer se suicidar. (FREITAS, 2012, p. 72).

Através do uso de versos livres, linguagem coloquial e ironia, a poeta satiriza os discursos patriarcais que polarizam e determinam alguns comportamentos em femininos ou

masculinos. Aqui, há uma lista feita propositalmente pela escritora na qual descreve o que “a mulher quer”. O uso do artigo definido no início dos versos até o último mostra a generalização do que **todas** as mulheres querem, como se não houvesse distinção entre estas, pois o simples fato de ser mulher já basta para saber o que ela deseja. Isso demonstra de forma clara que os seus anseios vêm casados com seu gênero/classe e que podem ser antecipados, previstos, como um modelo mecanizado que nasce tudo igual e sente/deseja o mesmo. Além do fato de que a sequência repetida dessas três palavras (a mulher quer), o que pressupõe uma crítica ao comportamento consumista que se julga ser característico das mulheres. Como esclarece Fiorin (2014, p. 116), a repetição é, portanto, um aumento da extensão de um dado texto para intensificar o sentido expresso”. Por isso, a escolha da poeta em construir esse poema, assim como “a mulher pensa” e “a mulher vai”, que são os outros dois poemas da referida seção, como destaque para o despropósito que se configura esse enquadramento das especificidades da mulher.

No entanto, Angélica, para desconstruir essa padronização do que se julga feminino, mistura nessa lista os desejos que a sociedade antecipa sobre as mulheres, como: “casar, ter filhos, ter um macho que a lidere”, com os que julga ser do universo masculino como “querer sexo, querer sexo tanto quanto o homem quer”. Assim, nesse jogo de ora querer o que se espera dela, mulher, ora mostrar um querer comum a qualquer gênero, o eu lírico vai se mostrando diferente do esperado dela. Vejamos os cinco últimos versos do poema os quais fecham esse ciclo do querer:

a mulher quer tudo
 a mulher quer ser valorizada e respeitada
 a mulher quer se separar
 a mulher quer ganhar, decidir e consumir mais
 a mulher quer se suicidar.

Note-se, que assim como todas as pessoas, independente do gênero, “*a mulher quer tudo*”, e através desse início podemos fazer uma leitura de todos os desejos dela. Como todas as pessoas ela quer sexo, respeito, ser ouvida, ganhar dinheiro, consumir, casar-se (mas com uma pessoa que seja companheira). Vemos que o casamento é um desejo sob condições, isso demonstrado pela adversativa “mas”, seguida do direito à liberdade, pois se não der certo, que tenha o direito de separar. Logo, a mulher quer ter direito a tudo, ou seja, quer os mesmos direitos de querer do homem, daí ser tomado aqui nessa análise o suicídio como uma morte simbólica dessa mulher, da qual se esperam comportamentos ditados pelas práticas normativas vigentes em nossa sociedade, para o nascimento de uma outra mulher que não precisa seguir regra baseada no seu sexo/gênero.

4.4.1 *Você é mulher: uma (des)construção da mística do feminino*

Os papéis de gênero sempre foram e são consolidados através de uma ideologia estruturada por um sistema sexista que tem como propósito manter a “mulher” em um engessamento na sua condição de fêmea como requisito da perpetuação da opressão de gênero. Nesse contexto, corroborando com a reflexão apresentada, tomamos a definição célebre de Beauvoir (2016, p. 11) que diz: “ninguém nasce mulher: torna-se”. De acordo com a autora,

nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 2016, p. 11).

Assim, essa definição de gênero feminino vai sendo repassada por gerações e constituindo-se como ‘modelo de fêmea, mulher, feminino’. Segundo o argumento de Friedan (1971, p. 54): “quando uma mística é vigorosa extrai dos fatos sua própria ficção, alimenta-se dos que poderiam contradizê-la e alastra-se por todos os recantos de uma cultura, confundindo até os sociólogos”. Desse modo, o poder das mistificações são obstáculos difíceis de se romper e diante disso tem-se a permanência de estereótipos criados pela sociedade até os dias atuais.

Tendo como base as reflexões teóricas acerca da mística do feminino já exposta nessa pesquisa, será analisado como o poema “a mulher é uma construção”, de Freitas, descreve e desconstrói essa mística. Nesse sentido, vejamos o que os versos seguintes expressam sobre a materialização desses mitos:

a mulher é uma construção

a mulher é uma construção
deve ser

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual
tudo rebocado
só muda a cor

particularmente sou uma mulher
de tijolos à vista
nas reuniões sociais tendo a ser
a mais mal vestida

digo que sou jornalista

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza

a revista nova é o ministério
dos assuntos cloacais
perdão
não se fala em merda na revista nova)

you é mulher
e se de repente acorda binária e azul
e passa o dia ligando e desligando a luz?

(you gosta de ser brasileira?
De se chamar virginia woolf ?)

a mulher é uma construção

maquiagem é camuflagem

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

todos os amigos têm um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred staire

neste ponto, já é tarde
as psicólogas do café freud
se olham e sorriem

nada vai mudar —
nada nunca vai mudar —

a mulher é uma construção. (FREITAS, 2012, p. 45).

Angélica, mais uma vez, utiliza a ironia e o humor como pano de fundo para delinear o “ser mulher” em uma sociedade patriarcal. Ela mostra como essa construção histórica/cultural se apresenta dentro de um formato padronizado por convenções sociais, políticas e até mesmo religiosas. Para tanto, a autora emprega, de forma metafórica e alegórica, uma linguagem imagística na descrição da construção da “mulher” como a de um conjunto habitacional, onde casas ou apartamentos são construídos de forma igual, fruto da mesma massa, com as mesmas necessidades, tendo apenas cores diferentes, quando têm; como a construção da mulher e de como ela deve ser “igual a todas”, feita da mesma massa e pronta para realizar o que se espera dela enquanto “mulher”. Podemos constatar isso logo na primeira estrofe que afirma: “a mulher é uma construção / deve ser”. Note-se que a definição se afirma pela forma verbal “é” em oposição à perífrase “deve ser”. O vocábulo verbal “deve” expressa a modalidade deôntica, a que diz respeito a uma obrigação, um *dever*. Em seguida, o

poema continua sua descrição desse modelo de mulher. Na segunda e terceira estrofes, Angélica escreve:

a mulher basicamente é pra ser
um conjunto habitacional
tudo igual

tudo rebocado
só muda a cor

Notemos que, nesses versos, a autora faz uso de uma comparação estranha, ao pensar em um ser humano comparado a um objeto feito pelo homem: *um conjunto habitacional, prédios*. Isso serve para ilustrar a construção do gênero como planejado e minuciosamente medido e realizado por uma sociedade machista. Além disso, o uso do pronome indefinido “tudo”, como o próprio dicionário descreve, serve para representar “A maior quantidade possível de coisas, seres ou pessoas, ou condição do que se apresenta na sua totalidade” (DICIONÁRIO ONLINE, 2021). Desse modo ao se comparar a mulher com “um” conjunto habitacional, fica representado metaforicamente um coletivo específico, no caso, as mulheres, com características iguais, representadas aí pelo pronome indefinido.

Logo, o poema nos mostra uma projeção de uma força potencialmente geradora de se manter uma tradição patriarcal. Nesse ponto, dialogando sobre a construção do gênero como mecanismo de opressão que busca sua concretização através da feminilidade imposta às mulheres, o eu lírico do poema – na contramão do planejado/esperado – mostra certa resistência a essa padronização estruturada, como se observa nos seguintes versos: “particularmente, sou uma mulher de tijolos à vista”, ou seja, ela se mostra como é de verdade. E que não quer “parecer delicada”, com um “acabamento” (feminilidade/reboco) igual ao das outras.

Note-se que o eu feminino do poema, faz questão de sua individualidade, e destaca essa diferença quando inicia com o pronome pessoal em primeira pessoa “eu” e ainda utiliza como reforço o advérbio “particularmente”, aumentando ainda mais seu distanciando das outras. Para ilustrar a quebra do padrão, o eu lírico assume uma postura de contraste e rebeldia, pois “nas reuniões sociais tendo a ser a mais mal vestida”. Note-se que a autora chama a atenção para a vestimenta, algo que preocupa muito a maioria das mulheres. Além disso, o advérbio “mal” aparece como que simbolizasse não somente aspectos estéticos, mas de caráter dessa mulher que, assim como a gorda/feia/ébria/, fogem dos padrões e, por isso, são julgadas de forma negativa em seus aspectos morais, de caráter.

Sobre essa padronização, seja do vestir, falar, comer e até se relacionar sexualmente, Judith Butler a define como “atos performáticos”. De acordo com a autora:

se os gêneros são instituídos por atos descontínuos, essa ilusão de essência não é nada mais além de uma ilusão, uma identidade construída, uma performance em que as pessoas comuns, incluindo os próprios atores sociais que as executam, passam a acreditar e performar um modelo de crenças. (BUTLER, 2019, p. 214).

Assim, através de rituais de crenças repetidos na sociedade em que as pessoas esperam que toda mulher seja heterossexual, que queira casar, ter filhos, que tenha o “dom materno”, a mistificação do feminino é transformada em algo natural e inquestionável. No entanto, a mulher do poema entende essa atuação e, dentro de suas limitações, ela cria uma “identidade”. Isso é observado no verso “digo que sou jornalista”; assim, ao se apresentar com uma profissão, ela sai do modelo que se apresenta como dona de casa – o esperado pelas outras pessoas -, mostra sua rebeldia, quebra com o modelo padronizado e ganha características próprias, “ela é jornalista”, não apenas mulher.

Retomando a ideologia dos *mitos do feminino*, ter uma profissão não seria motivo de orgulho, mas uma ação que está sob jugo de uma sociedade machista, na qual a mulher que desempenha outra função, além das relacionadas ao casamento e à maternidade, faz isso como algo a mais enquanto sujeito social e, portanto, pode abdicar dela em função da família. É como se o fato de ser profissional impedisse de ser esposa ou mãe. Que negasse sua condição de mulher. Sobre o corpo e sexualidade da mulher, Freitas descreve:

(a mulher é uma construção
com buracos demais

vaza

A autora, metaforicamente compara o corpo da mulher a uma parede que tem “buracos demais”; desse modo, ilustra os órgãos sexuais desta de forma irônica, pois salienta o que esse corpo feminino representa para a sociedade, em especial para o olhar masculino. Além disso, a palavra buraco traz como referência as partes sexuais do corpo, como a boca, o ânus e, no caso da mulher, a vagina, que, dentro de uma cultura machista e misógina, representa apenas um buraco que serve para se colocar o pênis.

Através da figuratização do verbo “vazar”, temos a representação da menstruação. Esse tema é abordado de forma rápida pela poeta, sem destaque, e não como função

“essencial” e “sublime”²³, mas apenas como algo corriqueiro, como se a anatomia feminina não fosse significativa, apenas diferente, e que o sangramento menstrual significasse, simplesmente, algo que causa desconforto.

Em um contexto de rebeldia e de insatisfação com o corpo, o eu lírico dialoga com Butler, pensadora que coloca as questões de gênero como um “problema”, no qual a divisão sexo/gênero é apresentada como sinônima de masculino/feminino, ao que ela chama de binarismo.

Em consonância com a discussão apresentada acima, podemos afirmar que a *mística* procura fortalecer os canais de opressão patriarcal e, para tanto, busca convencer a mulher de que ela representa um papel (destino) que lhe foi designado mesmo antes de ela nascer. Logo, para que essa dominação e alienação continuem, é necessário que sejam reforçadas e alimentadas constantemente. Nesse sentido, como vimos na primeira parte dessa pesquisa, a mídia é um instrumento essencial na disseminação em massa desse ideário feminino, pois está a serviço de manter o coletivo de mulheres manipulado, já que manterá, através dela, o controle de toda a sociedade.

Para demonstrar o papel dos meios midiáticos nesse engessamento e alienação da mulher, Angélica brinca e debocha com o que as revistas publicam sobre/de/para mulheres. Isso é muito característico da autora, o que de certo modo suaviza a leitura de um verso como: “a revista nova é o ministério / dos assuntos cloacais / perdão / não se fala em merda na revista nova”. Nesse recorte, há a denúncia do quanto a mídia em geral, colabora, fortemente, com toda essa estereotipização e aprisionamento da mulher neste “universo feminino”, de suas “obrigações”, com destaque para a atenção desmedida com a beleza, a culinária, em conseguir um bom partido e criar filhos saudáveis.

Freitas, mais uma vez, reafirma que a mulher utiliza de recursos (estilos/atos) para cumprir esse papel que lhe foi imposto, mostrando novamente o aspecto do feminino que permeia o universo da mulher: a estética. Vejamos os seguintes versos: “a mulher é uma construção/maquiagem é camuflagem”.

Para início dessa análise, utilizaremos a tese defendida por Beauvoir (2016, p. 203) ao afirmar que: “é sempre difícil descrever um mito, pois ele não se deixa apanhar, nem

23 Os termos “essencial” e “sublime” se referem ao fato de a menstruação ser necessária para gerar vida. Cf. BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos.**

cercar. Habita as consciências sem nunca se postar diante delas, como objeto imóvel. É, por vezes, tão fluido, tão contraditório, que não se lhe percebe, de início, a unidade”. Entendemos, com isso, que muitas das coisas que julgamos desejo individual, ou mesmo o que consideramos ser nosso entendimento de algo, está relacionado com o que ouvimos e/ou vemos. Essa formação do ser está relacionada com sua cultura, seja ela machista ou não.

Diante disso, fica a compreensão de como é complicado para a mulher desvincular-se de certas convenções, dentre elas a beleza, a juventude, e que, para mantê-la, usa de todos os artifícios possíveis, entre eles a maquiagem, entendida aqui no poema como camuflagem, ou seja, um jeito de esconder sua verdadeira identidade, de se moldar ao que se espera dela: que seja sempre jovem, bonita, delicada. De acordo com a filósofa, “a maquiagem e as joias também servem para a petrificação do corpo e do rosto” (BEAUVOIR, 2016, p. 222), ou seja, entendemos o petrificar como manter do jeito de sempre, jovem. Ainda segundo a autora:

a função do adorno é muito complexa: possui entre certos primitivos um caráter sagrado; mas seu papel mais habitual é completar a metamorfose da mulher em ídolo. [...] Ela pinta a boca e o rosto para dar-lhes a solidez imóvel de uma máscara. [...] Na mulher enfeitada, a Natureza está presente, mas cativa, moldada por uma vontade humana segundo o desejo do homem. [...] a mulher sofisticada sempre foi o objeto erótico ideal. (BEAUVOIR, 2016, p. 222).

Em termos mais concretos, entende-se que o adorno vai para além da questão estética, mas em ir se moldando a algo que é considerado como modelo, como paradigma do que “todas” devem ser se quiserem agradar à sociedade. Ao longo do poema, Angélica vai desconstruindo essa universalização do “ser mulher” e coloca em questão o “ser eu” de uma pessoa que, mesmo tendo sido gerada dentro de um modelo construído por um sistema patriarcal opressor, pode repensar sua vida, sua existência, seu sexo/gênero.

A poeta ilustra a possível mudança dessa *performance*. Mesmo iniciando com uma afirmação (“você é mulher”), ela completa: “e se de repente acorda binária e azul...e passa o dia ligando e desligando a luz?”. Ou seja, apresenta um ser que não se reconhece nesse corpo/gênero e que pode se perceber de outra forma (sexo/gênero). Ao contrário disso, se vê como um ser masculino, representado ironicamente pela autora pela cor “azul”. E quando isso acontece, essa hipotética pessoa fica confusa, os pensamentos ficam incoerentes e acabam por trazer certo desequilíbrio, situação psíquica expressa no verso “e passa o dia ligando e desligando a luz”, em que se nota uma tentativa de trazer à tona essa realidade

conflituosa ou stai-la da mente, para, talvez, ter “tranquilidade” novamente. O uso do substantivo “luz” remonta à claridade, ao se fazer ver.

Como nos diz Butler (2019, p. 215),

o corpo é um conjunto de possibilidades porque a forma como ele existe no mundo e como é percebido pelos outros não é determinada por uma essência interior, e sua expressão concreta no mundo deve ser entendida como a aceção e a expressão de um conjunto de possibilidades históricas.

As possibilidades históricas materializadas por diferentes estilos corporais são nada mais que ficções culturais reguladas por punições, alternadamente incorporadas e disfarçadas por coerção na demonstração dessas atuações que vão se perpetuando através das gerações e sofrendo modificações de negação ou afirmação de estilos conforme o contexto em que cada ser, individualmente, se localiza.

Na representação de um “eu” legitimador de performances, Angélica continua com seu jogo de “cutucar” o eu lírico através de questionamentos que levem à reflexão desse ser no mundo: “(você gosta de ser brasileira? De se chamar virginia woolf?)”. Esses versos chamam a atenção para a representação linguística, o emprego de palavras em letras minúsculas, inclusive em nomes próprios e início de períodos - como se todos os termos estivessem diminuídos – estabelecessem uma continuidade entre os enunciados. A utilização dos parênteses para separá-los denunciam um destaque, e demonstram uma quebra proposital na trajetória da construção da mulher, ao se propor questionamento que fica subentendido se é a voz que fala no poema, ou como se Angélica interrogasse o interlocutor, indagando se ele detém plena consciência de si mesmo. Talvez esses sejam os versos mais complexos do poema, pois trazem em seu âmago diversas interpretações, que, seguindo a ótica de uma abordagem subversiva antimística, atuam como questionamento de algo arbitrário (a nacionalidade, o próprio nome), assim como o gênero.

Corroborando Beauvoir (2016), que diz que ser mulher é *ter se tornado*, Butler (2019, p. 217) reforça que “ser mulher é ter feito seu corpo se encaixar em uma ideia histórica do que é uma “mulher”. É ter sido induzida a se tornar um signo cultural, colocada em obediência a uma possibilidade histórica delimitada que dita como uma mulher é, ou deve ser”. Ainda de acordo com a estudiosa:

A incorporação involuntária de um ser, ao que se diz dele sobre sua sexualidade, movimenta claramente um conjunto de estratégias, criando um estilo desse ser. Esse modelo nunca é completamente autoestilizado, portanto precisa ser alimentado através da vivência desses atos repetitivos, os quais estão inseridos em um processo histórico que condiciona e limita possibilidades. (BUTLER, 2019).

Sobre essa suposta naturalidade dos atos convencionais, Angélica sai de forma discreta, mas simbólica, para questões de orientação sexual que não devem chamar a atenção da sociedade: a homossexualidade. Vejamos o que dizem essas estrofes:

toda mulher tem um amigo gay
como é bom ter amigos

todos os amigos têm um amigo gay
que tem uma mulher
que o chama de fred Astaire

De início, temos um dístico que declara que “toda mulher tem um amigo *gay* / como é bom ter amigos”. Assim, a poeta vai destacar a relação de amizade entre mulheres e *gays*, uma proximidade que não chama a atenção, nem incomoda, já que está amparada por um sistema binário de organização no qual a mulher e o *gay* são tidos como femininos. Como ressalta Butler (2019, p. 217), “os gêneros devem ser discretos como estratégia de sobrevivência, pois são performances com consequências punitivas”. Desse modo, os gêneros discretos são parte das exigências que garantem a harmonia de indivíduos na cultura contemporânea; e aqueles que falham em fazer corretamente seus gêneros são regularmente punidos.

Ressalte-se que o que a autora chama de gênero discreto está relacionado à heterossexualidade, cada um em seu papel determinado: homem/mulher e feminino/masculino. Para Beauvoir e Friedan, um gênero discreto está relacionado à fragilidade e obediência. No caso da mulher, isso se concretiza ao cumprir com os papéis de esposa, mãe e dona de casa. Dando seguimento à nossa análise, na estrofe seguinte, as relações de amizade são mais complexas, quando o eu lírico afirma que “todos os amigos têm um amigo *gay*, que tem uma mulher”. Temos aí representado, de forma jocosa, um conhecimento geral de que alguns *gays* são casados. O uso da palavra “todos” simboliza uma generalização de que isso é uma realidade abrangente e, propositalmente, não reconhecida pela sociedade, até mesmo pelas próprias esposas, como no verso: “que o chama de fred staire”.

Nesse último verso, observamos uma *performance* de casal que representa os

modos de ser/viver das pessoas, como condição de se ajustarem a modelos binários e heterossexuais aceitos pela sociedade sexista. Na ilustração dessa *performance*, Angélica utiliza o nome do dançarino Fred Astaire, ou seja, a mulher com um marido, que é um *gay* não assumido, vive uma *performance* de par.

Seguindo com a questão da aparência e preconceito, a penúltima estrofe do poema traz à tona um tom de melancolia ao afirmar: “neste ponto, já é tarde / as psicólogas do café freud / se olham e sorriem”. Isso evidencia o quanto algumas pessoas julgam e condenam outras que não se enquadram no modelo ofertado pela sociedade machista, que impõe o modo de vida de todos, todas. Por fim, temos o arremate do poema com os seguintes versos: “nada vai mudar / nada nunca vai mudar / a mulher é uma construção”.

Note-se que são duas afirmações fatídicas sobre a imutabilidade da sociedade que vai ser reforçada pelo pronome de negação “nunca”, mas seguida novamente de um travessão que vai indicar uma última observação: “a mulher é uma construção”. Esse último verso, que também dá título ao poema deixa a mensagem conclusiva dos versos de que se é uma construção, a mulher pode se construir da forma que deseja, que ainda está em processo o seu desenvolvimento e aberto a mudanças. Assim, pode sim seguir outros caminhos dos que foram designados a ela, pois, por mais que tentem impor um papel fixo e definitivo à mulher, ela é um ser em construção e, portanto, continuará desafiando padrões, apresentando-se dentro de uma pluralidade existencial e lutando por sua autodeterminação.

O plano de vida de uma pessoa, independentemente de gênero, deve estar aberto a escolhas, a todos e todas, à medida que novas possibilidades se apresentem na sociedade e no íntimo de cada ser humano. Contudo, sabemos que essa mudança não acontecerá sem lutas, sem conflitos, sem dor. Sem fazer apelo à coragem. Friedan (1971, p. 321) ressalta que “cada mulher que combata as últimas barreiras no caminho da igualdade total, barreiras disfarçadas pela mística feminina, facilitará o caminho das que vierem depois”.

É por isso que a literatura é importante como ferramenta de combate à opressão de gênero, a exemplo dos poemas analisados, que tratam – de forma leve ou explícita – desse universo opressor e legitimado pela sociedade que é a construção de gêneros/identidades de forma arbitrária e convencional. Tais poemas buscam se colocar, formal e tematicamente, na contramão discursiva da opressão calcada na diferença de gênero; ou seja, procuram implodir, no plano literário, a legitimação das desigualdades e da violência de um ser sobre outro.

4.5 O útero que gerou palavras: novas vozes que ressoam

De Angélica até os dias atuais temos textos mais dinâmicos, dos mais brincalhões e debochados, até os mais diretos, com abordagens ferozes em suas exigências ou denúncias sobre as desigualdades entre homens e mulheres, entre mulheres e mulheres e assim por diante. Seus versos e os de muitas outras escritoras da atualidade ainda não encontraram limites na composição e temas por elas escolhidos.

Sobre a abrangência da poesia das poetisas da atualidade, Ribeiro *et al* (2019, p. 45) destacam que:

as poetisas utilizam diversos meios de divulgação para expandir a visibilidade de suas obras, como a internet, palestras, seminários e feiras literárias. Mais do que escrever, é utilizar de diversos discursos e meios discursivos para difundir ideias e conceitos. Nesse sentido, pode-se apreender a poesia e o texto literário em geral como um espaço privilegiado para a construção de discursos próprios, sem a pretensa ingenuidade de que se estaria completamente salvo dos mecanismos de poder.

Elas foram e vão ainda muito longe com suas poesias diferentes e inovadoras, sem nenhum tipo de amarras ou padrões. Hoje, a performance incorporada à poesia é tão necessária quanto a escrita desta. Cita-se aí o *slam*²⁴, que trouxe também a oportunidade de dar corporeidade aos versos. Como esclarece Hollanda (2021, p. 32) sobre a utilização do *slam* pelas poetisas atuais:

a ideia é produzir uma poesia mais direta, mais forte, que promova escuta, que interpele, que incomode. [...] Tal dinâmica propõe uma nova estética da palavra: no *slam*, as poetisas não se desvinculam da performance, criando um liminar entre literatura e teatralidade.

É sobre esse estilo inovador e bastante discursivo que o fazer poético de Angélica se tornou um ponto de inflexão na poesia brasileira da atualidade, abrindo espaço para uma escrita de mulheres diferente de tudo o que foi produzido no Brasil até então. Essas poetisas vão utilizar como sujeito do discurso a mulher e todas as questões de gênero que se fazem pauta na atualidade. Com isso, elas, de forma ampliada e militante, estão a ocupar todos os espaços possíveis, reivindicando em suas composições que o termo mulher seja visto como símbolo de luta, exigência e resistência.

²⁴ A palavra é uma onomatopeia utilizada no inglês para representar algo como um bater de palmas, e é o nome dado às batalhas de poesia. *Slam* (ou Poetry Slams) são batalhas de poesia falada que surgiram nos anos 1980 nos Estados Unidos. Disponível em <https://www.profseducacao.com.br/2019/11/12/o-que-e-slam-poesia-educacao-e-protesto/>. Acessado em 26 de junho de 2021.

Ressalte-se que não existe mudança, seja literária ou histórica desvinculada de questões sociais e políticas. Desse modo destacamos a situação do contexto brasileiro que contribuiu também para que a voz dessas poetisas se insurgisse no Brasil. Situamo-nos então no período do governo Dilma Rousseff, no qual o país vai apresentar como ponto inicial de muitas mudanças, sobretudo no campo político, as manifestações de 2013²⁵. Sobre esse levante que a princípio protestava contra a tarifa de ônibus e tornou-se um protesto político amplo, José Silvério Trevisan (2018, p. 495) faz a seguinte leitura:

As jornadas de 2013 mostravam sabedoria de fazer as perguntas certas antes de dar as respostas. O Brasil em estado de revolta estava postulando dúvidas, reticências e interrogações diante de soluções insuficientes que vinha sendo vendidas como cornucópia da abundância. As manifestações saíram do controle de possíveis lideranças simplesmente porque destampou-se o caldeirão, e as subjetividades buscaram resgatar sua própria voz.

E assim foi possível a interseccionalidade de pautas e mistura de reivindicações. Sem objetivos definidos, mas em prol de muitas causas, houve protestos contra a homofobia. A então comunidade LGBT (hoje LGBTQIAP+), de forma contundente e indignada, invadiu as ruas, protestando contra a “cura gay”, aprovada pela Câmara dos Deputados, que tinha à frente o pastor Marco Feliciano. Essa foi só uma de muitas pautas que fervilhavam nas ruas. Enfim, todas essas manifestações soaram como um gatilho que veio culminar numa mudança nas relações entre militantes e acordar um levante de pautas necessárias e adormecidas em nossa sociedade.

E é nesse cenário de reivindicações, de protestos unificados, de busca por serem ouvidas, que as poetisas da atualidade questionam o modo como a mulher, ainda hoje é representada. O rebate vem contra a passividade, seja no campo sexual, ou na vida pública. Elas querem o que é delas por direito. Diferente de um feminismo de décadas atrás que pregava a absorção de direitos na igualdade, na atualidade o feminismo requer o ganho de direitos na diferença. É o direito de ser diferente (dos princípios normativos e coercitivos) que o feminismo busca na sociedade brasileira e tem como representação desse sujeito, “o corpo”. Como ressalta Hollanda (2021, p. 37) no contexto atual,

²⁵Em junho de 2013, no dia 20 daquele mês, 1,25 milhão de pessoas ocuparam as ruas de 130 cidades do país. “Um protesto contra o aumento da tarifa dos ônibus — que passaria de R\$ 2,80 para R\$ 3 — expressou uma resistência às formas de mercantilização do trabalho e das terras urbanas manifestada por um desejo de mais democracia e investimentos públicos”, afirma o sociólogo da USP Ruy Braga. Disponível em <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2018/06/manifestacoes-de-junho-de-2013-completam-cinco-anos-o-que-mudou.html>. Acessado em 26/06/2021.

o corpo e sua fala ganham terreno progressivamente: o corpo e seus direitos, seus sentidos, seu alcance, se expressa sem muitas voltas, numa dicção direta, agressiva, mas sempre procurando novos instrumentos de linguagem, métodos criativos, a garganta profunda da poesia.

Logo, para ilustrar como essa corporeidade adentrou a sociedade brasileira, escolhemos algumas poetisas que surgiram desse processo de unificação de vozes. Dentre elas, destacamos Adelaide Ivánova, que, em seu poema *urubu*, narra o exame de perícia realizado nela quando foi estuprada. Ela descreve como o profissional falava ao telefone, sem nem olhar para o seu rosto enquanto a examinava. Vejamos o poema *urubu*:

deitada numa maca/ com quatro médicos ao meu redor/ conversando ao mesmo tempo/sobre mucosas e greve/ a falta de copos descartáveis/ e decidindo diante de minhas pernas/ abertas se depois do/ expediente iam todos pro bar/ o doutor do instituto/escreveu o laudo/ sem olhar na minha cara. (IVÁNOVA apud HOLLANDA, 2021, p. 37).

Nesses versos, a poeta denuncia uma prática comum de descaso e até constrangimento pelos quais muitas mulheres passam ao serem examinadas após estupros. Esse ainda é um assunto pouco debatido nas questões referentes à aquisição de direitos da mulher, ou seja, da integridade psicológica, moral e cidadã que deveriam ser garantidas de modo concreto em nosso país. Devido a tantos casos de constrangimento nesses exames, é que muitas mulheres se negam a fazê-lo. Ivánova ainda traz questões sobre relacionamento lésbico, casamento sem amor, aborda sobre as formas de desejar da mulher de forma ampla e bem humorada.

Elizandra Souza, em seu poema *legítima defesa* vai trazer à tona a violência contra a mulher. De uma forma irreverente e com um tom bastante irônico, ela traz em seus versos um panorama brasileiro sobre muitos casos de mulheres agredidas e mortas. Com o refrão *Só estou avisando, vai mudar o placar...* ela antecipa mudanças nesse cenário que não acontecerá mediante a justiça dos homens, mas feita pelas próprias mãos das mulheres. Na estrofe:

A manchete de amanhã terá uma mulher,
- Matei! E não me arrependo!
Quando o apresentador questioná-la
Ela simplesmente retocará a maquiagem
Não quer estar feia quando a câmara retornar
E focar em seus olhos, em seus lábios
(SOUZA apud HOLLANDA, 2021, p. 57).

Nesse poema-denúncia, a poeta apresenta um sujeito que cansou de ser violentado, que busca seu direito enquanto mulher, nem que tenha de cometer crimes, que para ela vai se tornar tão banal como, muitas vezes, é visto o assassinato bárbaro de mulheres em nosso país, como a própria poeta cita no poema, o caso da modelo jogada aos cachorros²⁶.

É com esse tom de denúncia, de escancarar todo tipo de injustiça, violência, preconceito e discriminação que elas compõem seus versos, muitas vezes visuais, performáticos que saem do papel e ganham o mundo.

Ainda nesse mesmo estilo podemos citar Renata Machado Tupinambé, que trata das questões da mulher indígena, Bruna Miltrano, que aborda as diferenças de classe e estereótipos de beleza. São muitas as produções de poetisas na atualidade, desde bem jovens, como outras mais maduras. No que diz respeito à referência a Angélica Freitas nessas produções, vemos que há uma temática recorrente sobre partos, daí o útero se reverberando em diversos discursos, uns até dedicados à própria Angélica, como o que encontramos no livro *Mugido*, de Marília Floôr Kosby, que diz:

angélica,
o parto de uma vaca
não é uma coisa
simples
imenso
que rebenta
e frequente não raro
o lado de fora

um rebento imenso!

[...]

(KOSBY apud HOLLANDA, 2021, p. 161)

Note-se que o parto é descrito de forma animalesca, o parto de uma vaca, como referência à própria violência simbólica sofrida pela mulher em dar à luz. Nessa mesma dicção e estilo, temos poemas que discorrem sobre menstruação, masturbação e estupros. Ressalte-se que o estudo aqui apresentado destaca a literatura como ferramenta a serviço das pautas feministas. Nesse panorama, escolhemos o livro organizado por Heloisa Buarque de Hollanda, cujo título é *As 29 poetisas hoje*, publicado em 2021.

²⁶ Referência ao caso de Eliza Silva que foi esquartejada e jogada para cachorros por mando do ex-goleiro do Flamengo, Bruno Fernandes, em 2010.

A obra, segundo ela, é uma antologia que fala sobre identidade, sexo, amor, fúria e o Brasil (HOLLANDA, 2021). Como vimos ao ser pesquisada a produção de poesia nos dias atuais, a referida coletânea contém apenas um pequeno esboço da diversidade de temas, tons e estilos contemplados por muitas escritoras mulheres da atualidade.

Enfim, os discursos coletivos que disseminem as lutas feministas são muito importantes, isso tendo em vista que para perpetuar a cultura sexista, temos várias instituições que utilizam de seu poder de convencimento, como a igreja e a mídia, sobretudo essa última que propaga de forma contundente que a libertação das mulheres, propostas pelas feministas, tem como foco liberdade para abortar, para serem lésbicas e de poder ter relações sexuais com quem quiserem. Simplesmente, não mencionam que lutas feministas têm a ver com todos esses temas, só que defendendo o direito de escolha para praticá-los e também de proporem condições para desafiar situações de estupro e de violência doméstica.

A obra de Angélica Freitas é uma comprovação de que o feminismo não está estagnado e que continua, entre outras manifestações, na figura dela e de outras poetas. Através de um estilo que tem como característica o humor irônico e sarcástico, ela traz o corpo feminino para a superfície de suas composições, dando visibilidade a tantas vozes silenciadas para que possam entrar em cena, não como vítimas, ou de forma passiva, mas de cabeça erguida, vestidas do jeito que quiserem, falando sobre o que vem à cabeça, saindo às ruas, andando de ônibus, entrando em bares, tudo isso de forma tranquila, sem medos. Podendo amar livremente e viver seus direitos de ser quem elas querem.

5 CONCLUSÃO

Os estudos sobre questões de gênero – que tiveram início nas universidades norte-americanas na década de 1970 e hoje abrangem um contexto mundial – foram e são de extrema importância na redefinição de papéis sociais que tenham como base o feminino e o masculino na vida de homens e mulheres. A introdução desses estudos tornou possível uma redefinição de corpos e identidades dos sujeitos na sociedade.

Analisar a trajetória do percurso das lutas feministas e as principais teorias que deram embasamento a essa corrente do pensamento é singular no entendimento dos campos de poder que legitimam as desigualdades que têm como princípio o gênero. Tais teorias foram basilares para trazer à tona o ser mulher como construto social; diante disso, qualquer estudo que se proponha a analisar a situação da mulher na sociedade ocidental, capitalista e patriarcal, tem que partir deles.

Em Beauvoir (2016), vimos a desconstrução da ideia naturalista que justifica a superioridade do homem pelo fato biológico e a ideia de que um pênis torna um sujeito superior a outro. Nesse sentido, a autora desmonta a ideia de essência, ao esclarecer que não existem diferenças inatas, mas que estas são apenas construtos sociais, destacando assim a ideia de gênero.

Já através de Friedan (1971), entendemos como a mística feminina é alimentada pela manipulação de uma sociedade capitalista de consumo, que tem no machismo um de seus pilares e que sustenta o dever de a mulher viver sua feminilidade restrita ao lar e aos afazeres domésticos e ter em mente o bem da família, o que significa manter a mulher isolada, sem participação ativa e, assim, manter a ordem na hierarquia machista.

Com Butler (2019), torna-se bastante polêmico o questionamento do que sejam os conceitos de “mulher” ou “feminilidade”, elementos que vão para além do sexo/gênero e se apresentam como “atos performáticos” que buscam por “identidades”. Desse modo, através de uma escrita provocativa, a autora contribuiu de forma decisiva para a renovação crítica do pensamento feminista, na atualidade, ao trazer à tona a Teoria Queer, desconstruindo assim os conceitos de gênero e feminilidade nos quais está baseada a teoria feminista.

Nesse sentido, ao obter o conhecimento desse aparato teórico, pode-se perceber o quanto os mitos, em torno dessa construção do feminino, foram e são presentes na história das

mulheres. E o quanto muitas delas puseram-se em luta contra o silenciamento simbólico e não simbólico que sofriam.

Nesse contexto, o feminismo no Brasil se fez conhecer através da história de lutas protagonizadas por professoras, donas de casa, universitárias, jornalistas e até guerrilheiras, entre tantas outras brasileiras. Diante dessas lutas, é possível compreender que, maior que as estruturas normativas de opressão direcionadas a mantê-las nesse cárcere simbólico e estrutural, era a coragem e determinação delas em se fazerem ouvir e respeitar, reivindicando diversos direitos; seja através de ações primárias como a alfabetização de mulheres, quando isso ainda não era acessível a todas, ou mesmo publicando na imprensa feminina, ou em livros, elas falavam sobre o ser mulher e abordavam temas machistas que serviam como opressão dessa categoria, como o assédio, a dupla moral, a violência em decorrência dessa diferença entre os gêneros e as desigualdades no campo educacional, profissional e íntimo.

Note-se que a literatura escrita por mulheres foi crucial na divulgação do feminismo no país. Destaque-se desse processo algumas protagonistas, a citar, Nísia Floresta, que ainda no final do século XIX publica um livro que trata das desigualdades entre homens e mulheres. Podemos citar também Berta Lutz, Francisca Senhorinha ou Maria Lacerda, entre outras, que através de suas publicações buscaram a libertação da mulher. Ou ainda as universitárias, como Heloisa Buarque de Hollanda, Rose Marie Muraro, Heleieth Saffioti, entre tantas, que com seus grupos de estudos, publicações e pesquisas de campo sobre a condição da mulher, formaram uma base teórica do pensamento feminista nacional e levantaram uma bandeira de reivindicações necessárias às brasileiras.

Também merecem destaque as guerrilheiras, que, como Maria Amélia Teles – entre tantas que lutaram e morreram na ditadura – serviram como exemplo de força e de determinação no combate à opressão política de homens e mulheres. Elas buscavam uma cidadania garantida pela democracia plena no país e, para tanto, reivindicavam a anistia, o voto direto para presidente, a diminuição dos custos de vida e a implantação de creches e de saúde pública gratuitas e de qualidade para toda a nossa população. Desse modo, essas mulheres, que compuseram o feminismo brasileiro, foram responsáveis por mudanças sociais e políticas no país.

Na esfera literária, não podemos deixar de dar destaque às escritoras que com suas obras, falaram de mulher. Dentre elas, podemos citar Gilka Machado, Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Hilda Hilst e, em especial, Ana Cristina Cesar, pela inovação em seus

versos e por sua escrita ambígua e confessional, marcada pela ousadia temática, em que o corpo e o sexo adquirem legitimidade na representação literária. Com esse estilo que sugere muito mais do que esclarece, abordou temas como a masturbação, o aborto, o desejo e o relacionamento lésbico. Sua poética, que não aderiu a fórmulas poéticas e é livre de amarras, abriu caminho para outras poetisas ousarem, como Marília Alície Sant’ Anna, Ana Martins Marques e Angélica Freitas, entre outras.

Desse modo, ao analisar a produção de muitas mulheres na divulgação do pensamento feminista, pode-se perceber que, a seu modo e nas condições que podiam, elas conseguiram fazer correr no tempo o engajamento e seguimento desse pensamento que perdura até hoje.

Cada mulher ou obra aqui apresentada é de valor simbólico referenciador da importância das lutas feministas e, em especial, a brasileira. Mesmo as teóricas europeias ou norte-americanas que foram descritas nessa pesquisa tiveram sua contribuição com o feminismo inaugural e também estrutural do Brasil. Essas teorias foram desenvolvidas também pelas brasileiras nas universidades e ganharam as ruas, compondo uma corrente feminista que veio a se fortalecer com as produções literárias desenvolvidas por mulheres esclarecidas e conhecedoras dos mecanismos de opressão aos quais estavam sujeitas. Dentre essas produções, destacamos a escrita de Angélica Freitas, também resultado dessa tradição feminista, que – em um contexto político mais ameno no Brasil (governo Dilma) – conseguiu dar continuidade ao pensamento feminista, tornando-se ao mesmo tempo um divisor de águas na poesia feminista brasileira.

Ao trazer à superfície a transmutação do *útero* – que sempre representou a distinção, definição e fraqueza das mulheres – em força e mecanismo de empoderamento, de liberdade e emancipação sexual, Freitas subverteu a figura do corpo da mulher, separando-o do sexo/gênero e dando-lhe liberdade de escolha e de vida própria.

Dentre todas as mistificações que rodeiam a mulher, o útero vai ser palco de uma nova abordagem. Em seu livro *Um útero é do tamanho de um punho*, está o grito-denúncia de muitas mulheres. Em seus versos, compostos dentro de um pensamento feminista da atualidade, dos “feminismos da diferença”, esse sujeito interdito busca a sua emancipação. Com seu fazer poético bem-humorado, que provoca o riso, Angélica expõem dicotomias moralistas (limpa/suja; ébria/sóbria) sobre os estereótipos de mulher na sociedade, que resultam em um condicionamento desta em papéis submissos e subalternos. Através de

questionamentos acerca da fronteira entre os gêneros sexuais, a autora problematiza a feminilidade no mundo contemporâneo, tomando como ponto de partida diversos aspectos, como a homossexualidade, a exigência da beleza estética, os padrões sexuais heteronormativos impostos e o binarismo entre gêneros. Por intermédio da ironia, traz à superfície reflexões sobre ditos e expressões comuns direcionadas à mulher como definição de um ser genérico: “a mulher é”, ou, “a mulher quer”.

Diante dos resultados obtidos na pesquisa sobre a referida autora é que se confirmam as hipóteses aqui levantadas, que colocam Angélica Freitas como um ponto de inflexão na produção da poesia feminista brasileira da atualidade, pois, além de dar continuidade ao pensamento feminista em nosso país, *Um útero é do tamanho de um punho* estimulou um fazer poético mais engajado e destemido por outras poetisas contemporâneas. Composições que também trazem o corpo como tema-chave de suas produções, nas quais a mulher não tem medo de se expor. Tais poetisas denunciam a violência, falam do corpo, de sexo (lésbico, heterossexual, homossexual), de violência doméstica, de assédio, de perícia médica pós-estupros, dos estereótipos sexistas e racistas. Elas falam sobre tudo o que diz respeito a elas enquanto mulheres dispostas a um diálogo e a um embate com seu tempo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. 2. ed. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone. **Entrevista porque sou feminista, 1975**. Entrevistador: Jean-Louis Servan-Schreiber entrevista Simone de Beauvoir para o programa “Questionnaire”. França, 1975. (Pourquoi je suis féministe, 1975, DVD, 50 min.). Disponível em: <https://femininoeplural.wordpress.com/2017/01/17/entrevista-de-1975-com-simone-de-beauvoir-video-com-legenda/>. Acesso em: 7 mar. 2020.

BLUMBERG, Mechthild. **Sexualidade e riso a trilogia obscena de Hilda Hilst**. São Paulo: Editora UNESP, 2015. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wbzech/pdf/reguera-9788568334690-08.pdf>. Acesso em: 12 abr, 2021.

BUTLER, Judith. **Problema de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CESAR, Ana Cristina. **A teus pés**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos**. São Paulo: DCL, 2003.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo: uma história a ser contada. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bazar dos tempos, 2019. p. 25-46.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 17, p. 151-172, 2003.

FIGUEIREDO, EURÍDICE. **Por uma crítica feminista: leituras transversais de escritoras brasileiras**. Porto Alegre: Zouk, 2020.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FREITAS, Angélica. **Um útero é do tamanho de um punho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREITAS, Angélica. **Rilke Shake**. São Paulo: Naify: Rio de Janeiro, 2007.

FREITAS, Angélica. **Canções de atormentar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

FRIEDAN, Betty. **Mística feminina**. Petrópolis: Vozes, 1971.

GARCIA, Clara Cristina. **Breve história do feminismo**. 1. ed. São Paulo: Claridade, 2011.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bazar dos tempos, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista brasileiro: conceitos fundamentais**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bazar dos tempos, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **As 29 poetas hoje**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LAMEGO, Valéria Fernandes. **A farpa na lira: o jornalismo de Cecília Meireles na revolução de 30**. 1996. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação da UNESP, 1995.

SAFFIOTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classe: mito e realidade**. 3 ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2018.

SANTOS, Guilherme Alexandre. **O movimento feminista brasileiro e sua influência na educação da mulher brasileira no século XIX**. Brasília, DF: Capes, 2021. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/575730>. Acesso em: 20 jun. 2021.

RIBEIRO, G. P.; FERREIRA, A. B. P.; COUTO, A. G. Reflexões sobre gênero na poesia contemporânea brasileira: o útero armado pela palavra. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v. 23, n. 2, p. 39-53, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/29179>. Acesso em: 5 abr. 2021.

SILVA, Raquel Salles da. A Visibilidade e a Representatividade do Corpo Feminino na Publicidade. 2018. Artigo apresentado no INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2018, Cascavel, PR. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-0667-1.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021.

TELES, Maria Amélia. **Breve história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

WOLF, Naomy. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.